ILUSTRAÇÃO

N.º 279 — 12.º ano

1-AGOSTO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os bébés amamentados são os mais felizes e saudaveis

Todas as mãis que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

À venda

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um Rosto Encantador Por Alguns Escudos

A minha pele era amarela, sombria e enrugada. Tinha feios pontos negros, grosseiras películas e poros dilatados em volta do meu nariz, no queixo e na testa. Hoje, a minha pele macia, branca, aveludada e a minha esplêndida tez são invejadas e admiradas por todos.

Tôda a mulher pode, agora, branquear, amaciar e embelezar fàcilmente a pele, fazendo uso todos os dias, do Creme Tokalon, Alimento para a pele, Côr Branca (não gorduroso). Contém o creme fresco e azeite predigeridos, combinados com elementos adstringentes, que branqueiam e tonificam a pele. Penetra instantâneamente, acalma a irritação das glândulas cutâneas, aperta os poros dilatados e dissolve os pontos negros a tal ponto que desaparecem. Embranquece a pele mais escura e amacia a mais rugosa. Atavia-a, em 3 dias, com uma beleza e frescura novas e indescritíveis de tal forma que não se poderia obter por outra maneira. Devia-se fazer uso dêle tôdas as manhãs.

À venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se ao Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

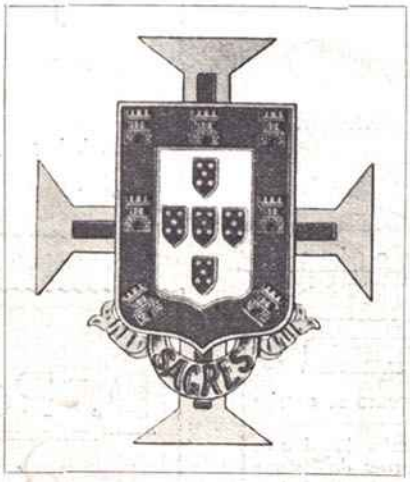
LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros agrícolas, Fogo, Marítimos e Postais, Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... 12$00
Pelo correio à cobrança... 14$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Ainda há pouco estava prostrado com o calor e com uma dor de cabeça desesperada. Bastaram-lhe, porem, 2 comprimidos de

Cafiaspirina

para se sentir tam fresco e tam são, como se o calor não existisse.

E . . . sabem porquê? Porque o mal-estar dos dias de calor é provocado por certas perturbações do sistema circulatório, e a Cafiaspirina tem uma acção reguladora sôbre a circulação do sangue, restabelecendo o equilibrio do organismo.

Alem disso, tira as dores de cabeça, descongestiona, levanta as fôrças e proporciona a sensação de saúde e bem-estar.

BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75* — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. Pedro e D. Inês

"O GRANDE DESVAYRO!"

Romance por ANTERO DE FIQUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, **Esc. 12$00**

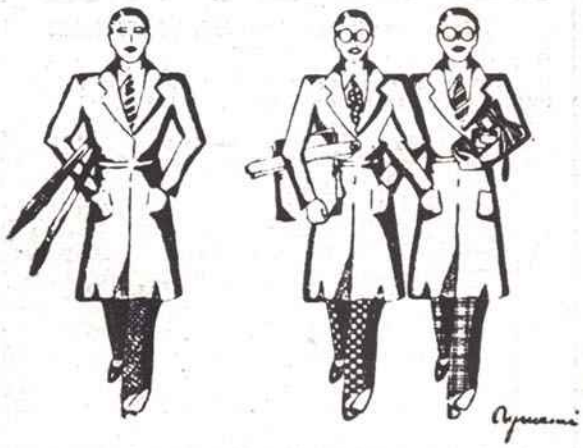
Pelo correio à cobrança, **Esc. 14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 279 — 12.º ANO
1-AGOSTO-1937

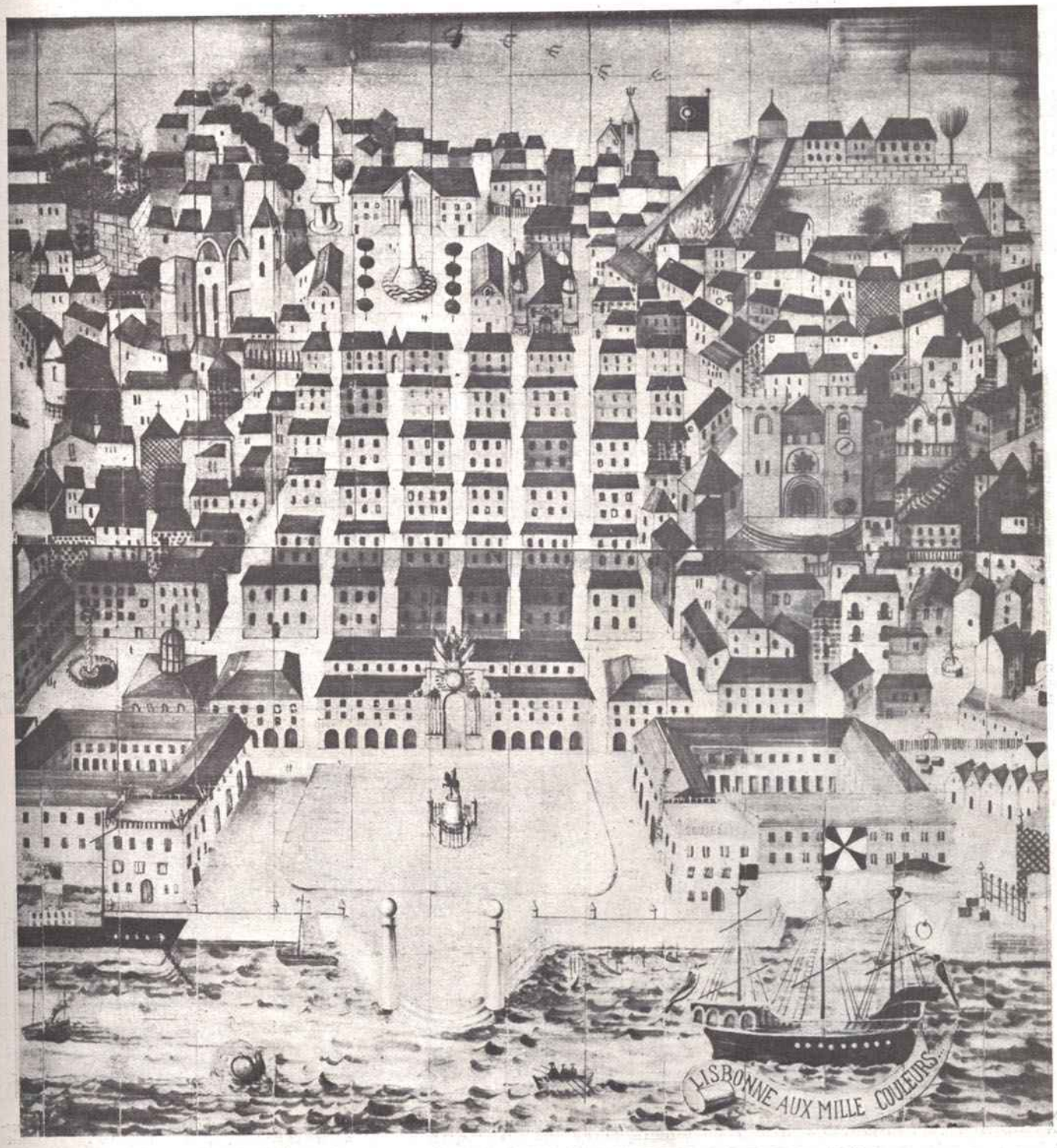
ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

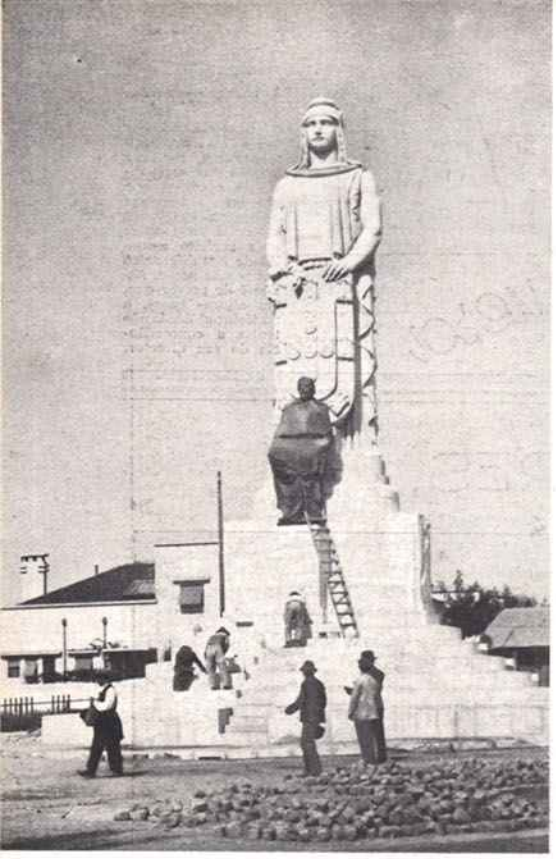
Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

LISBOA DE MIL CÔRES



Painel em azulejos apresentado pelo artista português Paulo na Exposição de Paris

ACTUALIDADES DA QUINZENA

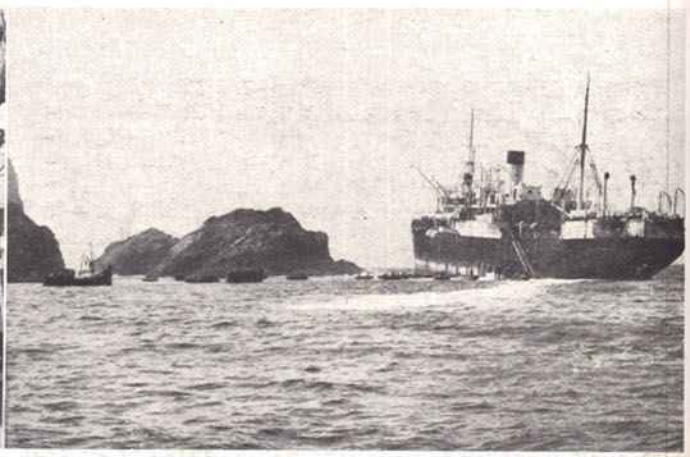


O monumento ao dr. António José de Almeida que, dentro de breve dias, será inaugurado em Lisboa. Os trabalhos de limpeza do pedestal, como a nossa gravura representa encontram-se concluídos, bem como a pavimentação do passeio que o rodeia

Os trinta rapazes franceses da Liga Marítima e Colonial que, chefiados pelo rev. Guinchard visitaram Lisboa. Andam fazendo o cruzeiro anual de aplicação a bordo do «Cap Pedaram». Após a recepção na Legação de França, percorreram a nossa capital nos seus pontos mais característicos, tendo sido magnífica a sua impressão. Lisboa, é incontestávelmente a capital ideal dum nação como Portugal que foi berço dos maiores navegadores que o Mundo conheceu. Portanto, seria natural que recebesse condignamente os futuros pilotos franceses que a vieram admirar

Os delegados ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, chegados a Lisboa a bordo do «General Artigas». Ao número de investigadores que já se encontravam em Lisboa juntaram-se os srs. dr. Manuel Cicero Peregrino, brasileiro; prof. dr. Fritz Lefeune, prof. dr. Ivo Dane, drs. Edmond Zechlin e Joahann Georg Otto Königk

Pessoas da família do general Sanjurjo e D. Manuel Falconde e D. Julio Torrejoncillo Collazos assistindo no altar-mor da Basílica dos Mártires à missa por alma do glorioso militar espanhol. Ao começar a cerimónia, ouviu-se a «Marcha funebre», de Chopin. Ao levantar a Deus e no final foi executada a marcha real espanhola



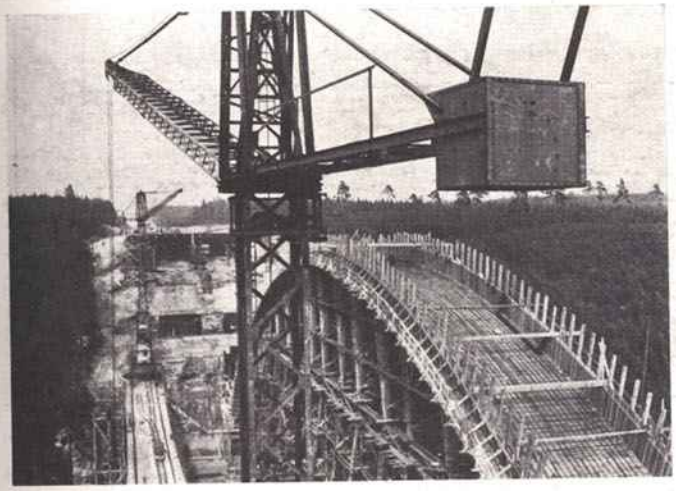
Nos rochedos da Berlenga encalhou o vapor brasileiro «Cuyabá» cujos passageiros foram desembarcados, apesar da tripulação ter recusado o auxílio que os pescadores de Peniche tão abnegadamente lhe prestaram com grave risco das próprias vidas. As gravuras acima mostram o «Cuyabá» encalhado e os passageiros já a bordo do barco de pesca «Santa Terezinha» que os conduziu a Peniche. Após muitos esforços, o «Cuyabá» conseguiu safar-se, graças aos navios de pesca Santa Terezinha», «Cabo Juby» e «Polo Norte», seguindo para, o Tejo onde está sofrendo as reparações de que carece

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

A aviadora alemã Hanna Reitsch que, no 1.º concurso de vôo sem motor, 1937, estabeleceu um novo «recorde» mundial no vôo à vela para mulheres, percorrendo a distância dos montes do Rhoen a Hamburgo que é de 350 quilómetros. A gravura mostra, à direita, Hanna Reitsch

O campião alemão Henkel esperando uma bola do checo Hecht no jôgo final de partida de ténnis para a disputa da Taça Davis, realizada recentemente em Berlim. A Alemanha ganhou por 2-0 à Checoeslováquia após um jôgo tão renhido como impecável

No grande aéroporto de Francfort sôbre o Mein, um interessante grupo de aldeãs com os seus trajos regionais, visitando o dirigível «Graf Zeppelin que se levanta nos ares com uma leveza de andorinha, embora o seu aspecto nos dê a impressão dum formidável cetáceo



Na Turíngia está em construção a maior de tôdas as pontes das autopistas do Reich. Tem a largura de 139 metros, a altura de 64 metros e o comprimento total de 240 metros. A nossa gravura mostra um aspecto da ponte em construção com as poderosas gruas que a estão levantando. Em face das dimensões acima apontadas, verifica-se que Rhodes, o «estranhíssimo colosso que um dos sete milagres foi do Mundo» passará a ser uma banalidade

O avião com hélice de suspensão construído pelo professor Heinrich Focke que conseguiu bater todos os «recorde» internacionais estabelecidos por esta classe de aviões. Na gravura vê-se o avião flutuando no ar num arrojado desafio às leis da gravidade que Newton considerou intangíveis. Que diria o grande sábio se, voltando hoje ao Mundo, visse imóvel nos ares êsse enorme aranhiço como se estivesse suspenso da abóbada celeste por um fio invisível?

Cêrca de Berlim, na «Pfaneninsel» — ilha dos pavões — a colectividade «Vigor na Alegria» organizou uma festa de verão que decorreu com brilhantismo. Na gravura aparece o corpo de baile da Ópera Alemã bailando uma valsa vienense como os trajos indicam

Um trecho das auto-pistas alemãs que tanta fama alcançaram em todo o Mundo. Na gravura reproduz-se um trecho da auto-pista Leipzing-Bayreuth com todas as belezas de paisagem que a rodeia. E assim se justifica o desenvolvimento extraordinário do seu turismo

NOTICIAS DA QUINZENA

Comemorando a Festa Nacional Francesa, houve recepção na Legação da França aos membros da colónia que foram recebidos pelo sr. Amé Leroy, sua esposa e pelo pessoal superior da Legação. Foi servido um breve aperitivo, tendo o sr. Alleaume, conselheiro do Comércio Externo de França saudado o ilustre diplomata e erguido a sua Taça pelas prosperidades da Pátria. O ministro agradeceu num belo discurso, tecendo interessantes considerações sôbre a gravidade do momento internacional, bastante comprometedor para a paz da Europa

O embaixador da Inglaterra, sir Charles Wingfield, que, em goso de licença, acompanhado por sua esposa, partiu para Londres. A nossa gravura representa o ilustre diplomata despedindo-se do adido militar à Embaixada. A bordo, estiveram a despedir-se, além do pessoal da Embaixada e de M.me Barnes, os srs. embaixador Teixeira de Sampaio, encarregado de Negócios da Africa do Sul e esposa; secretário da Legação de Itália, adido militar inglês, visconde de Riba Tamega. A' direita: Um aspecto da conferência do sr. governador civil de Lisboa, tenente-coronel Lobo da Costa, com os administradores do concelho e presidentes das comissões concelhias da União Nacional

O doloroso aspecto dos destroços dos três barracões destruidos pelo fogo na quinta do Sequeira sendo enormes os prejuizos. – A' direita: Os srs. Presidente da República, ministro da Agricultura e outras individualidades que assistiram á sessão de encerramento do I Congresso Nacional de Caça e Tiro. A solenidade realizou-se no Salão Nobre da Associação Central da Agricultura Portuguesa. Usaram da palavra os srs. dr. Freitas da Cruz e o sr. Leopoldo Carmona que, como delegado da Comissão Venatória da Região do Norte e representante de 17 organismos venatórios, depois de apresentar saudações ao Chefe do Estado, disse que o Congresso satisfez a grande maioria dos caçadores nas suas maiores necessidades. Saudou a Associação dos Caçadores do Sul, organizadora do Congreresso, por ter prestado um grande serviço á venatória e ao País. Ao terminar agradeceu ao sr. ministro da Agricultura o interêsse que manifestou pelos caçadores e ao sr. Presidente da República pela sua presença

As bodas de prata do Curso Jurídico de 1907-1912

«Recordar é viver!» — como disse o Poeta... Nos dias 23 e 24 do mês de Junho reüniu-se em Coimbra o Curso Jurídico de 1907-1912 para celebrar as bodas de prata da sua formatura.

Vinte e cinco anos decorridos!

Vinte e cinco milhões de recordações saüdosas!

Êsses mancebos joviais, cheios de ilusões e de talento, que, um dia arvorados em argonautas do seu tempo, e tão destemidos como os de outrora, apareceram na Lusa Atenas à conquista do diploma universitário mais valioso e cubiçado que o velocino de oiro, voltam agora ao local que tão gratas recordações lhes deixou.

Quantas saüdades!

A sua altivez de então não podia levar a bem a quási afrontosa pregunta do *Quid petis?* que a tradicional cerimónia lhes impuzera. A seu ver, audazes como eram, cônscios do seu valor, tendo conseguido vencer a dureza dos lentes, não tinham que pedir o que haviam alcançado por direito de conquista!

Vinte e cinco anos decorridos, voltam à Porta Férrea, peregrinos da sua saüdade cada vez maior.

Quanto dariam êles hoje para voltar ao tempo do *Quid petis?*

Ei-los aí reünidos conforme a nossa gravura os apresenta: da esquerda para a direita e de baixo para cima (além dos dois archeiros):

Primeiro plano: — O filhinho do dr. António Joice e o dr. António Joaquim Castanheira de Figueiredo; *segundo plano:* — Drs. Armando Serrão Mora, Júlio da Fonte Magalhães, António Pinto da Costa, Roberto de Macedo, Armando do Amaral Cabral, Raúl de Almeida Carmo, António Vitorino da Silva Carvalho, Parcídio de Matos, Varela Pimental, Costa Rodrigues, Júlio A. Montalvão Machado, António da S. Carneiro Junior, Domingos A. de Sousa Martins, Oscar de Medeiros Betencourt e Fernando Lopes; *terceiro plano:* — Luís Caldeira M. Saraiva, António Joice, A. Miguel Galvão, Francisco Nobre Ribeiro, Magalhães e Silva, Henrique Silva, Conde do Juncal, David Bruno Soares Moreira, Aníbal Cabral (condiscípulo honorário), Francisco Morão C. Sotto Mayor, António de Abreu Mesquita, Henrique Carneiro, João Rebelo G. da Silva, António d'Antas de Barros e Américo Maltez; *quarto plano:* — Mário Pina Cabral, José de Sousa Machado Fontes, Sousa Costa, Bianchi da Câmara, Emílio Infante da Câmara, José Ornelas da Gama Regalão e Rodolfo Aguiar; *quinto plano:* — Drs. Jorge M. Horta do Vale, Gomes Mota, Aurélio Proença, José Luiz d'Almeida, José Ferreira, António Augusto Antunes e Joaquim Peres Galvão; *sexto plano:* — Drs. Afonso Pinheiro, Francisco Taborda, Manuel Guerra, José Tavares dos Santos e Silva, José António Marques, Júlio Viana de Lemos, Vitor Simões, António do Amaral Cabral, Américo Jaselino D. da Costa, Gorjão Nogueira, Joaquim Alves Martins e J. Alvaro de Menezes; *último plano:* — Drs. Hermenegildo da Costa Pinto, António Crispiniano Vieira, Mário Rego X. Pereira, Joaquim Diniz da Fonseca, Américo da Gama Leão, Adelino de Mesquita, Joaquim Gomes Belo e Domingos Martins Romão.

Que lhes diria o Choupal? Ainda entenderiam a toada melancólica do Mondego, tal como naquêle dia tristíssimo de despedida em que as águas do formoso rio avolumaram com as lágrimas das tricanas que viam partir para sempre os seus amores?

Se entenderam!... E agora melhor que nunca!

A Praia das Maçãs

A Praia das Maçãs! Neptuno acomete a floresta. Mas o cilindro das ondas rola mansamente...

Continuamos subindo. Andares sôbre andares de penedia, à beira da estrada...

E de novo a Pena!

O Palácio é um ninho de águias. A meio, mal vestido de verdengários, o rocal desnuda-se, oxidado de escórias. A pirâmide colosso parece resvalar. Mas, inclinando-se, suspende-se, e miraculosamente se equilibra.

Pára-se, prêso de receio e encantamento.

Entronca a estrada da Peninha.

E vamos descendo até ao Portão dos Lagos.

Entrando no Parque, tomando pelo passeio do poente. Sob um verde toldo de plátanos, bancos de pedra. Repousamos.

Sobranceiro, dezenas metros a pique, o Palácio quási se reflete nos lagos. Vogam, silenciosos, os cisnes. Domina uma suave lassidão. O céu arde. Milhares de arbustos lançam sôbre as águas tremulinas profusas, e as aveleiras desprendem, no cristal que rebrilha, um velário oscilante.

A borda, tílias, louros-cerejos, viburnos fecham doces abrigos.

A brisa ténue, que se levanta, dir-se-ia o hálito morno da terra. Mas já os lirioidendros lançam ao espaço vibrante, bracejando no azul, o sollo desgarre das suas ramarias...

Em volta dos jardins, o Parque dispõe-se em montículos — grandes casais de arvoredo.

Á nossa vista, os macissos, ora parece aproximarem-se, fundindo-se, ora afastarem-se, contrastando; ou se elevam como quem procura domínio, ou se quedam e alagam brandamente; e sem que, pelo colorido da sua folhagem, pelo aprumo dos fustes, pela gracilidade das suas atitudes, pelo elusivo transporte com que se entregam, pela carícia com que aconchegam, pelo ímpeto, pela docilidade, pela submissão, nenhum deixe de ter logar marcado — uma nuance, um murmúrio, um gesto basta! — na grande ópera, no concêrto wagneriano, bárbaro e sagrado da Floresta.

Estradas seguem os ravinamentos ou os cortam, subindo ou descendo, cruzando, divergindo, convergindo.

Inferior ou superior o plano das frondes, como é diferente o bosque! Variando o ponto de observação, logo a paisagem muda. A luz diversa, a mesma clareira, estreita ou alarga o fundo, transfigura-se.

Ao cabo desta alameda — um tunel fechado — ao cair da tarde, que rubra explosão candente! Como se um incêndio estivera, além, abrasando a floresta...

A esta hora, porém, o forno ciclópico

Castelo de Sintra

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Os doces encantos da Serra de Sintra

Gratas evocações da Féteira da Condessa

é uma boca balsâmica, a que o sol, furtivamente, atira um beijo rútilo... Ilumina-se a espessura — verde, imóvel, inviolada — de castíssimo alvôr!

Atravessamos um passadiço dos lagos, subindo para o Palácio.

Na Fonte dos Passarinhos, cuja bica marmórea se adorna dum alabastrino arremêdo de avesinhas bebendo, corre a melhor água do Parque, puríssima, nevada.

São aqui os jardins de Armida?

No acre aroma das matas dilue-se o perfume das flores como a luz do sol se funde nas frondes, nas águas e nos mesmos rumores da terra e do céu.

Uma quietação de êxtase absorve tôdas as energias. A ferocidade humana apaga-se; todo o nosso ser se concentra e fortalece e exalta, em confiança, em claridade, em plenitude! A alegria de viver circula como a seiva. Em íntima harmonia, em maravilhoso equilíbrio, cérebro e coração nada debatem, e até os instintos falam a meia voz, num murmúrio lento e suavíssimo.

Na corrente da vida só o sentido do Presente flutua...

Os jardins da Pena!...

E por tôdas as estações do ano a floração perene! Macissos e cactos, de hortênsias, de malvaíscos, da dálias, de crisântemos, de fucsias, de girassois, de pelargónios, de baunilhas, de syringas, de jasmins, de eufórbias, de canas índicas, de dianthus, de amarílis; em talhões, tulipas, peonias, açucenas, papoilas, primulus, gloxinias, chagas, saudades, goivos, junquilhos, lobélias, ranúnculos, petúnias, jacintos, narcisos, mímulos, angélicas, margaridas, esporas, suspiros, miosótis, sécias, anémonas, resedas, clematites, cinerárias, centáureas, vímeas, aquilégias, gladíolos, íxias e ásteres; rencuesde buxo e alecrim, de alfazema e malmequeres; moitas de verbenas e violetas, cóleos e begónias e canteiros de cravos e amores perfeitos, entre grinaldas de rosas e caramancheis de glicínias.

Tôdas as gradações de côres, o vermelho, rosa, carmezim, coral, escarlate; o azul, violácio e lilás; o amarelo, oiro, laranja; o branco, carne, creme, prata, marfim; e o verde e a púrpura — todos os matizes, todos os cambiantes, todos os efeitos da luz na carícia da ar.

Faias, acácias e olaias, em torno. Depois as altas frondes, subindo...

E, entre os sobros, os carvalhos e os castanheiros que se derramam sôbre a penedia, erguem-se os troncos poderosos das árvores exóticas — palmeiras de grande porte, como a *livistonia australis*, a *chamaerops*, a *phenix reclinata*, a *phenix canariensis*, a *abies normandiana* e a *abies pectinata*, o *cupressus glauca* e o *cupressus macrocarpa*, a *araucaria bidrichiana* e a *araucaria excelsa*, que atinge sessenta metros de altura, a *thuja gigantea*, que chega a setenta, a *pseudotsuga douglasii*, que excede oitenta...

Das Descobertas trouxemos aqui tributos da flora de todos os continentes. Sôbre a antiga selva adejam ramarias de todos os confins da terra! Como se a esmagasse a glória que colhemos em tão longínquas paragens? Mas o cosmopolitismo que fundámos não pôde atacar, no fundo solo, a velha raiz da Raça...

E em vão a onda tropical marulha sôbre o primitivo bosque céltico; — unindo-se à leiva que criou, agarrando-se aos alcantis que venceu, alteando-se, só, aos cimos que coróam a Serra, é ele que por fim domina, e, redivivo, imortal, atira ao ar os seus braços e solta a sua folhagem, como se varressem o azul do céu, dominando a flora extranha, os troféus, os pendões, os estandartes, os próprios lábaros das nossas imperecíveis vitórias!

Vamos, por aleas solenes, vagarosamente subindo. E o murmúrio da floresta acorda tôda a sonora sombra do Passado...

Entramos no Palácio da Pena por uma ponte levadiça. Atravessa-se um túnel...

Sente-se a extranheza de quem fosse transportado muito longe da realidade. Desorienta o conjunto arquitectural de todos os estilos — minaretes árabes, torres góticas, janelas manuelinas, torres Renascença.

Ermida, convento, palácio: frades, reis, artistas — um cosmorama de séculos!

Bastiões, ameias, arcarias, abóbadas...

Mas logo o olhar se desprende das edificações, tão romanticamente ordenadas por D. Fernando de Saxe, e mergulha, já saudoso, na viva palpitação dos arvoredos!

Vamos subindo e descendo escadarias, quási sem parar. Detemo-nos emfim na capela: abóbada de nervuras lavradas, altares da Renascença clássica, um retábulo...

Recorremos ao *Guia de Portugal*: "A joia da capela é sem dúvida o belo retábulo do altar-mór, de mestre Nicolau Chanterene, mandado fazer em 1532 por D. João III, em acção de graças pelo feliz parto da rainha D. Catarina. É uma composição rica, embora tumultuária. De grande pormenorização, lembrando por vezes uma obra de ourivesaria, e cheia de cênas esculpidas em diversas escalas (Cristo no sepulcro, a Virgem e o Menino, a Anunciação, o Natal, a Adoração dos Magos, a Fuga para o Egipto) cinzeladas em fino alabastro e metidas em uma arquitectura inquieta de aquela mesma matéria combinada com mármore negro...

E placa de alabastro, em alto relevado do século XII, representando o Calvário, azulejos de tapete, policrómicos, e um primoroso trabalho da Renascença, no altar da esquerda...

Pequena sacristia, pequeno cláustro, mais azulejos, mais abóbadas — colecção preciosa de louças e mobiliário...

Valeu a pena vêr o palácio, valeu a pena!

Mas, circungirando pelos salões, a lembrança do rei D. Carlos invade a minha imaginação.

Saio. Mas julgo vê-lo no caminho de ronda, sorrindo com bonomia do meu doloroso espanto.

O infeliz monarca! Quanto tempo passou aqui, antes de acordar, sobressaltadamente, para o seu pesado ofício de reinar, das suas ocupações de desporto e de arte, que mais condizíam com o seu feitio do que o rígido mando!

E a tragédia de 1908 pesa sôbre mim — como se eu próprio houvesse assassinado. Farrapos de sonho, assombros de ideal, vagueiam na minha mente.

As culpas do Rei? As culpas de nós todos...

E já, ao lado de D. Carlos, vejo Buiça e Costa, enrodilhados em sangue, levados com êle na mesma onda de misticismo, que levantou a República em Portugal.

■

Ao descer do Palácio, para sul, pela Fonte dos Amores, deixando à esquerda as estulas, damos no Jardim das Camélias.

O quarto do Rei-D. Carlos no Palácio da Pena

São terrados, sobrepostos em socalco, tabuleiros, platibandas, alegretes de flores. Debaixo do primeiro e do segundo andar da floresta, arbustivos macissos se sucedem. Aos milhares de camélias, que dão nome ao Jardim, se juntam milhares de rododendrons e milhares de azáleas.

Ao fim topamos a Féteira, deliciosa estância, desafogada de ramarias densas, cobrindo-se com um simples docel, mais carinhoso do que gasalho. Braços de castanheiros amorosamente se estendem das encostas. E sôbre a caleira do vale a folhagem diáfana côa o oiro do sol!

Deslisa entre pedregões, cobertos de hera, um arroiozinho que se vai dando, que se vai perdendo por meandros, regando sempre, acudindo à sêde das saxífragas, dos cóleos, das fúcsias, dos agapantos, e cuidando tanto dos pequenos fetos rasteiros que cobrem o chão, como dos grandes fetos arbóreos, *Dicksonia antartica*, *Balantium*, *Ciathela medularis*, *Alophila australis*, que pompeiam como pálios ricos.

Borboletas voliiam sôbre miosotis. Um morcego traça elipses na penumbra.

Passamos um pequeno arco. Já as ramarias, baixando, nos ocultam o cimo do vale. E os fetos continuam alçando

Vista de Sintra

as suas plumas, molemente arfando na morna quietação.

O córrego finda no lagosinho da Concha.

Uma rela pincha sôbre o musgo úmido. E o *ting-ling* do veio de água mais brandura instila no doce sono dêste paraíso de sombra.

Deixamos à esquerda os terrenos da Cruz Alta (540m). E, na bifurcação, toma-se, para sul, o caminho de Vale de Perdizes, orlado de virbunos e rododendrons. Adiante, novo cruzamento; continuamos na mesma direcção.

Nos bardões o carvalho e o castanheiro, o medronheiro e o verdengóreo; rentes à terra, torgueiras e carvalhiças.

Próximo do muro que separa o Parque da Pena da Quinta Val-Flor (antiga Quinta do Viana) voltamos para norte. Ficam, à direita o Alto do Chá (450m) e à esquerda a Tapada do Mouco, o Alto do Morgado, os Penedos Gordos (408m). Além, para a Guarita (438), o viveiro florestal. E, mais longe, seguindo o dorso da montanha, Monge (488) e Peninha (486).

E que lindo pinhal!

Sôbre o negrume fuliginoso dos fustes, as frondes fecham abóbadas claustrais. Impressiona a solenidade religiosa desta solidão...

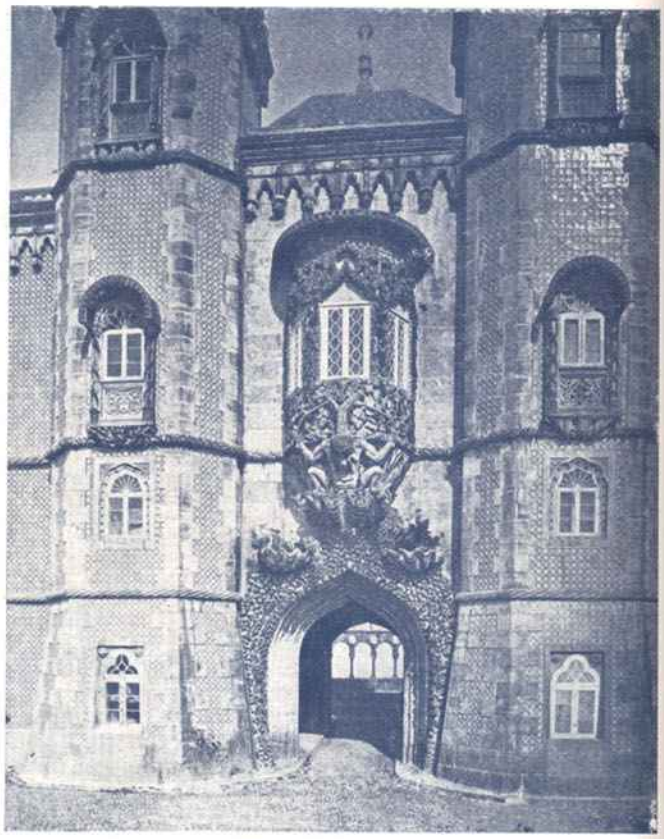
Não tarda porém que um sub-bosque de castinçal corrija a gravidade hierática do pinus.

Descaímos à direita. Thuyas, cedros, cupressos, tôdas as grandes essências do arboreto espalham as suas sombras.

Deixamos caminhos a um e outro lado, e seguimos entre tufos de *pinus austriacus, de pinus excelsa, de pinus do Mexico, de pinus insignis* e de *cedros argentea. de tsuga canadiensis, — a douglassii*, com as suas fastidigiosas pirâmides, assinalando — e bastíos de plátanos, de tílias, de sobreiros e castanheiros.

Descendo, entramos num terrado em que assenta uma vivenda rústica. É o *chalé da Condessa*, a condessa de Edla, morganática esposa do rei Dom Fernando de Coburgo.

Neste ninho de amor do príncipe saxónio está instalado um Museu Florestal, por iniciativa do sr. Oliveira Carvalho, cuja acrisolada devoção denuncio aos poderes públicos, quando mais não seja, para que lhe não regateiem meios de conservar êste trecho de paisagem portuguesa, que é de todos, senão o mais belo, o mais célebre e o mais procurado, — o mais apreciado sem dúvida.



Porta principal da Pena

E a D. Fernando é devida homenagem pelo muito que fez por Sintra. Honrar-se-ia o Parlamento, mandando erguer-lhe aqui um singelo monumento. Ele provaria que o seu nome não foi esquecido, e que a República não regateia justiça — nem mesmo aos príncipes...

Em nenhuma parte da Serra, mais do que à volta do chalé, as condições climáticas são privilegiadas. A riqueza botânica é tal que, numa pequena área, se encontram plantas orinndas da Asia Menor, do Egipto, do Himalaia, da Califórnia, do México, do Canadá, do Cabo, do Industão, da China, do Japão, da Nova Zelândia, da Austrália, das costas e ilhas do Mediterrânio e do Pacífico, do Atlântico e do Índico, das regiões frígidas como das tropicais, das temperadas como das frias, dos planaltos continentais às zonas marítimas.

Num montículo, sob um cedro do Buçaco enramado, assentos cómodos nos chamam.

Se conversássemos aqui com D. Fernando...

A sacerdotisa do Reno desce, a colher com a sua foice de prata, a rosa purpúrea de Venus.

Vamos ao seu encontro por verêdasinhas sabedoras, atravessando tuneis de verdura... Já sôbre o regaço de Elisa cai uma braçada de flores. E ela nem vê Fernando, fitos seus olhos verdes num verde alecrim do norte...

Mas um pavão grita ao longe. É um pavão real! E a Princesa desperta e sorri...

Nos jardins as camélias, os rododendrons, as azáleas e as roseiras derramam fragrância e côr.

Pequenas estufas guardam raridades... Mas os jasmins, os cóleos, as orquídeas, as musáceas crescem todo o ano ao ar livre. E dracenas, cycas, taxodios, yucas, cactos, aloés, agaves, ficus, bambús, avencas, licopodios, filodendrons — quantas plantas aclimatadas que vivem aqui à lei da natureza!

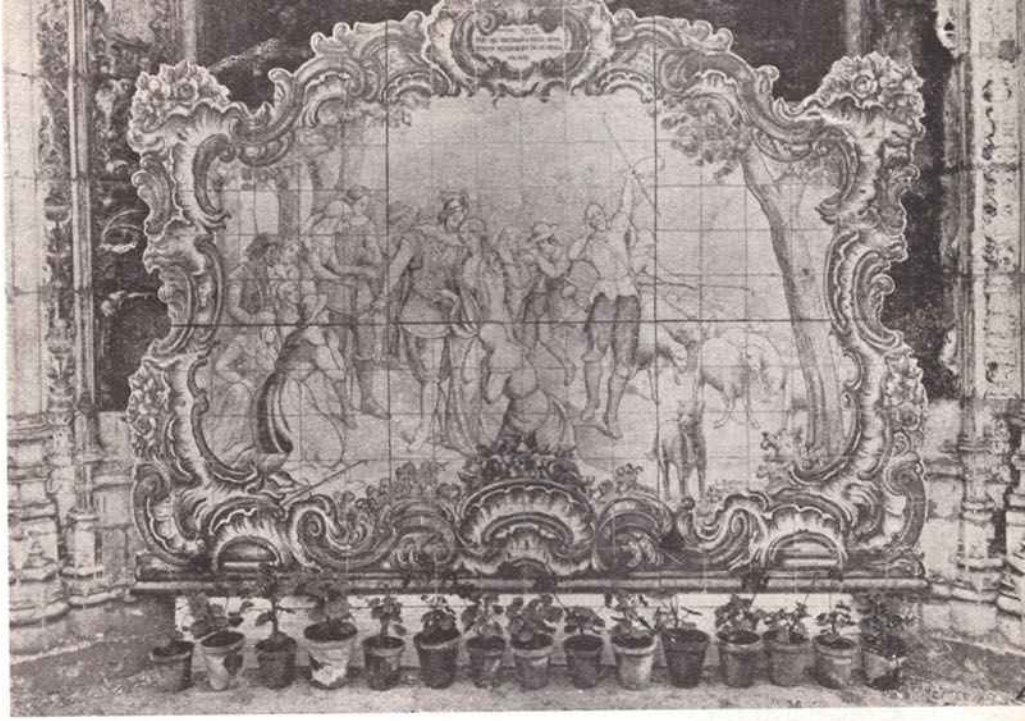
E eis a Féteira da Condessa... Em todo o parque não há nada que se lhe compare.

Como na Féteira do Palácio as mesmas águas murmurantes, os mesmos aromas silvestres, as mesmas penedias cobertas de hera, à meia luz do velário das frondes...

LOPES D'OLIVEIRA.

D. Fernando II e sua segunda esposa a condessa de Edla

EXPOSIÇÃO
DA
FAIANÇA BATTISTINI

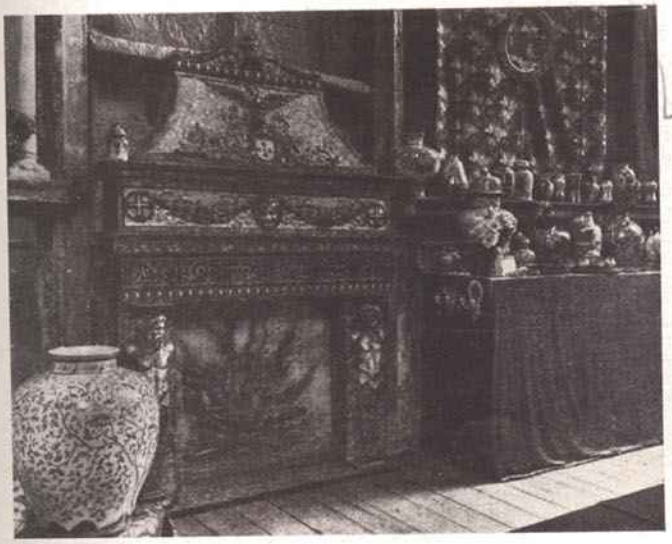


Comemorando o 1.º Centenário da Fábrica Cerâmica Constância «Faiança Battistini», a sua directora técnica e artística, D. Maria de Portugal, realizou uma grandiosa exposição que mereceu as honras da visita do sr. Presidente da República, Ministro da Educação Nacional, General Amilcar Mota; pela Academia das Ciências de Lisboa o seu presidente, dr. Júlio Dantas, e secretário geral Joaquim Leitão, pelas Associações, Comercial e Industrial, os seus presidentes srs. Roque da Fonseca e José Maria Alvarez, os secretários destas duas agremiações; o Presidente da Secção de Cerâmica da Associação Industrial, sr. Pinto Basto, representando a Câmara Municipal de Lisboa, os srs. Pereira Coelho e Alvaro Frade; o sr. Sub-Secretário do Estado das Finanças, dr. Costa Leite (Lumbrales), a direcção da Associação dos Arqueólogos, representada pelo seu presidente sr. Conde de Tovar, secretário geral, sr. Machado Faria, dr. Costa Veiga, dr. Sousa Lara, e muitas outras individualidades de destaque no nosso meio artístico e intelectual.

O Corpo Diplomático, esteve representado pelo sr. Embaixador de Inglaterra, e Ministros de Itália e França, Alemanha e Bélgica.

Esta fábrica portuguesa foi a única que apresentou peças comemorativas do 4.º Centenário de Gil Vicente, em número de 150, decoradas com passagens de autos, farças e obras de devoção.

As gravuras que enfeitam esta página representam, de cima para baixo: o grande painel de azulejos, estilo de D. João V., com uma passagem da peça «Viriato Trágico», do dr. Júlio Dantas, e que foi um dos últimos trabalhos do saüdoso artista Leopoldo Battistini. — Um aspecto da assistência na inauguração da Exposição. Jarrão pertencente à Embaixada de Portugal em Londres, grande fogão de sala, em faiança policrómica, inspirado no de Sansovino existente no palácio da vila, em Sintra, e um grupo de peças decoradas com passagens da obra de Gil Vicente. Outro aspecto da Exposição.



UMA "VAMP" SOBERANA
QUE REINOU HÁ QUÁSI MIL ANOS

Tracaremos hoje o perfil duma mulher fatal, cuja vida encerra um trágico romance de amor — Lady Elfrida, filha do conde Devon. A designação *mulher fatal* significa, para a mocidade de hoje, uma dessas *vamps* fotogénicas, que exibem a sua paradisíaca nudez, mal oculta sob a folha de parra dum exíguo *maillot*, que fumam cigarros egípcios com gestos dolentes e voluptuosos e assumem atitudes perversas de panteras amorosas ao beijarem um homem.

A nossa heroína não pertence a êsse género.

Lady Elfrida ocultava castamente os tesouros divinais do seu corpo em trajos de sumptuoso brocado, desconhecia o sabor dum *abdella*, ignorava o sentido dos verbos *to flirt* e *to spoon* e jámais fôra beijada, a não ser na ponta dos dedos, e de joelho em terra.

Fiava o branco linho, fazia tapeçaria, cantava hinos religiosos, acompanhando-se ao alaúde, e caçava, montada no seu corcel de raça, de falcão em punho, através das florestas. Todavia, não se depreenda destas palavras que Elfrida era uma santa digna de figurar entre as iluminuras douradas dum *Fios Sanctorum*, ou sequer uma alma pura e nobre.

Simplesmente, em lugar de ter vindo ao mundo após a Grande Guerra, viveu há quási mil anos, na longínqua e bárbara Inglaterra do século x. Por desgraça, não foi uma *vamp* idêntica às dos filmes de Hollywood, mas uma dessas *mulheres fatais*, autênticos génios do mal enviados por Satan, que passam na História, deixando atraz de si um rasto de sangue e de lágrimas.

Esqueçâmos, por momentos, o presente para nos embrenharmos no passado — nêsse passado que os cronistas coévos nos descrevem com tão sombrias côres — em que floresceu a bela e pérfida Lady Elfrida.

Edgard, filho de Edmundo, reinava em Inglaterra. Nêsse tempo, ainda os lobos infestavam o reino, e os homens, armados de escudos, achas e lanças, pouco diferiam dos lobos. Mas, no meio dos ferros, cresciam rosas. O rei Edgard possuía sábditas encantadoras e entre elas, uma, Elfrida, filha do conde de Devon, a tôdas excedia em formosura e encantos. Era linda como uma madrugada de Abril, viçosa como uma flor acabada de desabrochar, fascinante como a ondina dum lago...

A fama da sua extraordinária beleza corria por tôda a Inglaterra. Bandos de peregrinos, peregrinos de amor, iam a Devon, na esperança de ver a fascinante donzela, e voltavam loucamente apaixonados. Até os próprios mancebos que nunca a tinham visto, seduzidos pelas descrições, alta noite, sonhavam com ela.

Porém, esses arrebatamentos e entusiasmos em nada impressionavam Elfrida. Calma e friamente, ela acolhia as homenagens dos seus adoradores, sem abandonar a atitude desdenhosa e glacial duma rainha soberana recebendo o preito dum vassalo. Um sorriso cruel, repleto de ironia e desprezo, aflorava aos seus lábios quando diante dela, alguem celebrava a doçura do amor e a ventura conjugal. Naquele coração empedernido pelo egoísmo, estéril, a tôdos os afectos, só um sentimento dominava — a ambição.

Lady Elfrid esperava, não o bem-amado com as demais virgens da sua idade, mas alguem, muito alto e poderoso, senhor de grandes riquezas e vastos territórios que a pudesse colocar quási ao nível das princesas.

E, como se o demónio, tendo lido na mente da orgulhosa mulher decidisse satisfazer-lhe as ambições, para, mais tarde, fazer dela instrumento dos seus desígnios, alguem, muito alto e poderoso, se lembrou de a desposar.

Edgard, rei de Inglaterra, perdera a sua doce consorte, Elfleda, o "cisne branco". Entristecido com a solidão da viuvez, resolveu contrair novos laços, e, ouvindo falar na deslumbrante beleza da Lady Elfrida, pensou em escolher para sua rainha essa donzela que diziam ser a mais formosa entre as formosas. Mas, receando que a fama tivesse exagerado os encantos da filha do conde de Devon, confiou as suas intenções matrimoniais ao conde Athelwood, seu favorito, e incumbiu-o de ir aos domínios do pai da jovem inquirir, secretamente, a verdade.

Athelwood partiu. Porém, desde o primeiro instante em que se curvou diante da altiva lady, a razão abandonou-o. Olvidou que era um súbdito, para apenas se lembrar de que era um homem. Louco de amor, desvairado pela paixão que aquela divina criatura lhe inspirava, esqueceu a missão de que o seu régio amo o incumbira, e pediu para si a mão de Elfrida.

O conde de Devon, encantado com a perspectiva de ter por genro, o poderoso Athelwood, favorito e amigo querido do rei, acolheu gostosamente o pedido. Por sua vez, a filha, ignorando por completo as idéias do soberano a seu respeito, e seduzida pela beleza física, mas, sobretudo, pelos bens e elevada situação do pretendente, respondeu que estava pronta a desposá-lo.

Dias depois, aos pés do altar, um padre unia para sempre o destino de Elfrida ao do conde Athelwood.

Alegando um pretexto plausível, o valido exigiu que o casamento se conservasse secreto, e, passado algum tempo, voltou à côrte.

Edgard acolheu-o mais afectuosamente que nunca, e, quando ficaram sós, pediu-lhe que desse a sua opinião acêrca da famosa Elfrida. Com a maior naturalidade, o conde respondeu que, conforme quási sempre sucede, a fama mentira: a filha do conde de Devon, de modo algum possuia encantos que levassem um monarca, tão exigente em matéria de beleza feminina como o seu amo, a escolhê-la para sua rainha. Edgard riu-se do lôgro em que estivera prestes a cair e nunca mais tornou a falar na jóvem. Decorreram meses. Um dia, em que o rei, entregue aos seus fáceis amores, parecia ter esquecido por completo até o nome de Elfrida, Athelwood, muito simplesmente, disse-lhe que, pensando em casar-se, se lembrara da filha do conde de Devon, pois, embora ela pouco devesse à formosura, era contudo bastante nobre e rica para, mesmo assim, representar um partido desejável.

Sem a menor sombra de suspeita, Edgard concedeu a autorização pedida. O casamento celebrou-se, desta vez publicamente, nos domínios do pai de Elfrida, e Athelwood partiu, acompanhado da esposa bem-amada, a esconder a sua felicidade num castelo isolado, longe da côrte e do rei.

E os dias, as semanas, os meses passaram, sem que a mais leve nuvem toldasse o céu aberto que era a existência daqueles dois entes. A vida parecia-lhes um sonho, um lindo sonho nupcial, eterno, infinito, sem despertar...

Athelwood amava sempre Elfrida, com o mesmo profundo e veemente afecto que tocava a adoração, e ela própria, deliciada com as carícias dêsse marido que era mais um amante do que verdadeiramente um esposo, permutava um afecto muito seu.

Afeição material, únicamente material, que escravizava o corpo, mas não atingia a alma. Num futuro bem próximo, o marido havia de ter a prova...

Nasceu-lhes um filho. Athelwood sentiu-se tão feliz, tão feliz ao ver o seu amor abençoado, que teve receio da sua própria ventura. A felicidade absoluta neste Mundo não é um impossível, uma quimera mais leve do que o fumo?

Um dia, alguém foi dizer ao soberano que Elfrida era a mais formosa mulher de Inglaterra, e que o favorito o enganára como a uma criança, pagando assim com uma traição tôdas as honras e benefícios que das suas mãos continuamente recebera.

A cólera e o despeito do orgulhoso Edgard foram indescritíveis. Pela primeira vez sentiu a sêde da vingança e o desejo louco e imperioso de derramar sangue por suas próprias mãos.

Athelwood estava condenado.

Na manhã imediata, o rei, ocultando sob uma máscara de afabilidade a ira que rugia dentro de si, partiu acompanhado do seu valido e da côrte, visitar a parte do país onde Elfrida vivia, longe de todos, tão oculta como a princesa adormecida do bosque.

Uma vez lá, Edargd, com um lento e terrível sorriso brincando-lhe nos lábios, anunciou ao favorito que, no dia seguinte, iria visitá-lo no seu castelo, a fim de conhecer, finalmente, sua esposa, a famosa lady Elfrida.

Debalde, o desgraçado Athelwood empregou os maiores esforços para o dissuadir dêsse intuito. O rei, sorrindo sempre, declarou que de maneira alguma desistiria da visita.

Nessa mesma noite, iludindo a vigilância de todos, Athelwood conseguiu montar a cavalo e correr, num galope furioso, até à sua morada, onde a esposa o acolheu com vivas demonstrações de ternura. Sem perder um momento, caiu de joelhos aos pés de Elfrida, contou-lhe a inteira verdade, pedindo-lhe ao mesmo tempo, por Deus, pelo afecto que lhe dedicava, pelo filho que dormia ali perto, que empregasse todos os estratagemas para ocultar ao soberano a sua esplêndida beleza.

Mas o infeliz marido desconhecia a pantera que existia na esposa. Nem mesmo, pensando bem, a designação de pantera ela merecia, pois estas amam os filhos e defendem o companheiro até à morte.

Louca de cólera, Elfrida levantou-se dum salto, com os olhos fulgurantes de ira, a boca deformada pela fúria, e, rangendo os dentes, cheia de ódio por aquele homem cujo amor lhe fizera perder uma coroa de rainha, repeliu-o e cobriu-o de insultos.

No dia seguinte, conforme anunciara, Edgard, acompanhado duma numerosa comitiva, apeou-se junto da morada de Athelwood.

As portas do castelo abriram-se, de par em par, e uma mulher bela, bela na mais extraordinária acepção da palavra, vestida de sumptuosos brocados e coberta de joias, avançou, seguida das suas damas, ao encontro do rei.

Uma nova Circe tão formosa, tão irresistível, tão fascinadora, como a de outrora, surgia perante o novo Ulisses. Contudo, desta vez, estava escrito que jámais o soberano conseguiria libertar-se dos sortilégios dessa rainha de beleza, e, que até à morte, permaneceria escravo dessa sacerdotisa do amor...

Pouco tempo depois, durante uma caçada, Athelwood morria apunhalado pelo próprio rei. Elfrida veio residir na côrte, e, volvidos alguns meses, aceitou delirante de alegria e orgulho, a mão que o monarca lhe oferecia, manchada pelo sangue do primeiro marido.

Indignado com o repugnante e criminoso procedimento de ambos, Dunstan, arcebispo de Cantuária, profetizou ao rei e à nova rainha que o sangue do desgraçado Athelwood cairia sôbre a cabeça dos seus descendentes.

O vaticínio cumpriu-se. Quando Edgard baixou ao túmulo, Elfrida organizou uma conspiração a fim de colocar no trono Ethelredo, o filho que tivera do rei, em sacrifício do seu enteado, o legítimo herdeiro, nascido do primeiro tálamo de Edgard, mas, havendo-se malogrado êsse intuito, a perversa ambiciosa soberana decidiu esperar a oportunidade de riscar o jóvem príncipe do número dos vivos.

Pela sua extrema bondade, raras virtudes e peregrina inteligência, Eduardo, o novo rei, tornava-se adorado pelos seus súbditos.

Uma era de paz e felicidade — diziam todos — ia começar a raiar para a Inglaterra.

E assim seria, realmente, se não existisse Elfrida, o anjo mau.

Passaram-se quatro anos. A rainha continuava urdindo, na sombra, as suas tenebrosas intrigas, a fim de derribar o enteado do trono e elevar a êle o primogénito dos filhos que tivera de Edgard.

O rei nada desconhecia, mas, obedecendo aos escrúpulos da sua consciência que o levavam a considerar a viuva de seu pai como um ente sagrado, recusava-se a aceder aos pedidos dos vassalos fieis que, sem cessar, o aconselhavam a encerrar para sempre num convento a perigosa mulher.

Uma tarde, Eduardo, que fôra caçar a Dorsetshire, lembrou-se de ir visitar o seu querido irmão, Ethelredo, que então residia próximo no castelo de Corfe.

Sem hesitar um instante, abandonou a caça, despediu a comitiva e, alegre e confiante, embrenhou-se, sòzinho, na solitária floresta, ao meio da qual se elevava a morada do pequeno príncipe.

Porém, quando ia a apear-se à entrada do castelo, uma súbita e inesperada aparição fê-lo deter, desagradàvelmente impressionado. A madrasta, sempre bela, majestosa e fascinante, assomara à porta e, com o mais encantador dos seus sorrisos, convidava-o a entrar.

Eduardo lembrou-se, sùbitamente, dos conselhos do arcebispo de Cantuária, e, decidido a não cometer a loucura de se aventurar sòzinho na morada da sua pior inimiga, respondeu com uma firme recusa.

Durante alguns momentos conversaram os dois a respeito do tempo que fazia. O rei queixou-se do calor que lhe causava uma sêde torturante. Imediatamente a rainha Elfrida mandou buscar uma taça, cheia dum precioso vinho, e veio, ela própria, trazer-lha junto do cavalo.

Eduardo agradeceu, e levou a taça aos lábios, brindando cortezmente, pela madrasta.

Neste momento, a satânica creatura dirigiu um olhar significativo a um dos seus servos. Acto contínuo, obedecendo à ordem muda da soberana, o homem desembainhou um punhal, lançou-se sôbre o rei e feriu-o, mortalmente, pelas costas.

Elfrida conseguira o fim que ambicionava: Eduardo estava morto e o seu reinado, sob o nome de seu filho Ethelredo, ia principiar.

* * *

Os últimos anos da viúva de Edgard foram bem tristes. Odiada pelo povo que a acusava de ter assassinado um bem aventurado, digno de figurar no número dos santos, desprezada até pelo novo rei que nunca lhe perdoou a morte do irmão, Elfrida assistiu, impotente, ao lento e terrível desmoronar do trono do filho.

Ethelredo II, após uma renhida e desesperada luta travada com o rei da Dinamarca, perdeu a coroa dos seus antepassados, e Canuto, o monarca invasor, apoderou-se da Inglaterra.

Três dos príncipes reais, netos de Edgard e de Elfrida, pereceram assassinados às mãos dos dinamarqueses.

A profecia do velho arcebispo cumpriu-se...

Eunice Paula.

OS FANTOCHES NA VIDA

Logo que a criança abre os olhos e começa a compreender e sentir a vida tem o desejo da distracção, a humanidade deseja-a em tôdas as idades. O teatro ainda não é acessível à sua inteligência, ao cinema, os pais cuidadosos evitam de levar os seus filhos a um espectáculo, que nem sempre lhes pode convir, resta-lhes o divertimento que elas adoram e que tem sempre para elas a maior atracção, velho quási como a humanidade e novo sempre para as gerações que chegam: os fantoches!

Roberto, o demónio, o sapateiro e o polícia, são sempre adorados pelas crianças e as suas representações são eguais em todo o mundo. Velhacarias de Roberto, patifarias do sapateiro inspiradas pelo demónio e muita, muita pancada.

Este delírio da pancada que se nota nos fantoches de todo o mundo, é talvez um símbolo, do desejo de pancadaria que a humanidade tem em si dêsse instinto do mal que desde os primeiros meses leva a criança à mais pequena contrariedade levantar a mão e bater.

Mas o caso é que desde o fantoche das ruas, farrapão e mal arranjado que às costas dum desgraçado que a fome impele, vai de rua em rua, rodeado de garotos, usando do palavrão e tendo muito más maneiras, ao fantoche fino, que em engatanado teatrinho, se ufana de representar para crianças ricas, todos usam do cacete, dum grande pau como argumento convincente.

Na rua, na barraca da feira, nos jardins públicos, nas salas o fantoche triunfa sempre pela paulada.

E o fantoche é universal; em todo o mundo há fantoches, para as crianças, na Europa todos os jardins públicos têm o seu teatrinho de fantoches, que alegra a criançada com as suas graças e as suas cabeçadas.

Mas entre os teatros de fantoches há rivalidades e um dos mais célebres é o do jardim das Tulherias em Paris, o «Guignol» que encanta a infância dos parisienses, que lhes dá as maiores alegrias e que as diverte sempre, com as mesmas intrujices de Roberto, e, a mesma pancadaria do polícia no demónio e no Roberto.

Tem havido tentativas de modificar os fantoches, de lhes fazer representar pequenas comédias graciosas e comedidas, mas em todos os paises, fôsse qual fôsse a sua latitude, e, a educação dos povos, as crianças bocejaram, e não se ouviam aquelas expontâneas gargalhadas, que festejam as graças dos fantoches vulgares e a cacetada bravia, que as acompanha.

Decididamente o homem nasce com o instinto combativo e só isso o interessa desde a mais tenra infância. Em criança é a pancadaria dos fantoches, mais tarde são as guerras medonhas que as ambições desmedidas desencadeiam, são as maldades graves.

E como as crianças têm o seu «Guignol» os grandes inventaram o «Grand Guignol» e o que era o «Grand Guignol»? Era o teatro transformado numa verdadeira escola de horrores.

Cenas trágicas, cenas horríveis dos baixos e tristes sentimentos humanos eram representados por artistas de valor, o que é triste, e, os teatros enchiam-se, o que é mais triste ainda.

Os homens não cansados ainda duma vida cheia de males, queriam ainda vêr mais horrores, e, como as crianças, que detestam a pancada e gostam de a vêr glorificada pelo fantoche, os homens que detestam a maldade enchiam os teatros para vêr a manifestação das maiores maldades e divertirem-se com isso.

Hoje, felizmente o «Grand Guignol» passou de moda, mas não nos alegremos demasiadamente, não vamos supor, que e humanidade purificou os seus gôstos e se deleita apenas com espectáculos de pura arte e de elegante beleza.

Não, infelizmente não é assim, a criança que só gosta de vêr a pancadaria dos fantoches, requer mais tarde a maldade nos espectáculos que a devem divertir, e, aí temos êsses horríveis filmes, que impressionam, filmes que aterram e ao lado dos quais, os filmes americanos de «gangsters» são inocentes brincadeiras de crianças.

E' um triste sintoma esta atracção do mal, que leva os homens a procurarem como divertimento o mal. E para quê? Se o mal nos rodeia por tôda a parte e se observarmos bem a vida, nós vemos sempre Roberto com as suas intrujices, com as suas velhacadas, que o démo preto de chifrezinhos dourados inspira, e, o polícia à pancadaria, êsse polícia, que acaba sempre por ser sovado valentemente com o seu próprio pau, para gaúdio e satisfação da rapaziada.

A vida traz-nos aos olhos os mais repelentes espectáculos de «Grand Guignol»; é talvez por isso que o teatro perdeu; nós não precisamos de «Grande Guignol» quando a vida se encarrega de nos mostrar que a maldade progride em todo o mundo.

O homem é o fantoche de si mesmo e mais do que nunca o civilizado se mostra mais incapaz de ter êsse nome, porque quanto mais se estende a civilização mais o mal se alastra. Países onde a maldade quási não entrava estão agora sendo teatro das mais fantásticas cenas de «Grand Guignol».

Portugal foi um país onde a maldade quási era desconhecida, ou antes, permitam o paradoxo, era uma maldade primitiva quási bôa, quási inocente.

Haveria crimes? Naturalmente, onde existe o homem existe o crime, mas eram crimes instintivos, matavam-se por ciumes, matavam-se em desordens que o muito e generoso vinho das nossas cepas provocava.

Um ataque de ira, um repente, mas o crime premeditado, o crime que denota instintos de anormal perservidade não existia, pode dizer-se.

Agora já assim não é, e há pouco tempo relativamente, tivemos uma cena de «Grand Guignol» que envergonhou para sempre o homem português, o homem do povo que entre nós, podia ser bruto, inculto, sem civilização, quási primitivo, mas nunca capaz dum crime premeditado, de instintos não de fera, porque as feras amam os filhos.

Um homem, porque amava outra mulher, uma criatura que punha o seu egoísmo acima do seu amor, mata um filhinho, uma linda criança, atirando-o numa noite escura ao rio, onde a criança se afunda num torvelinho de água negra.

Este crime que passaria talvez despercebido entre os «fait divers» dum jornal parisiense ou de Berlim, encheu de horror o nosso povo.

Isto é felizmente um bom sintoma porque denota que em Portugal ainda a gente, que nêste país habita se impressiona fortemente quando vê na sua terra perpetrar um crime.

E a verdade deve dizer-se sempre, no nosso país o «Grand Guignol» nunca teve a aceitação que em outros paizes teve, o nosso povo nunca apreciou os horrores que demonstram sentimentos de preversão.

E com isso só temos a felicitar-nos e a desejar que assim seja sempre, e, que a maldade que cada vez mais se apossa do mundo e torna o homem civilisado, numa féra sem sentimentos, num ente que só no mal encontra distração, não seja acarinhada, nem recebida entre nós, e, quando o fantoche que é homem se sente atraído para o mal que o cacete da opinião pública castigue com violência êsses desmandos que demonstram perversidade e falta de sentimentos.

Mas o que é preciso também é que na educação da criança, que será o homem de amanhã entre o cultivar a bondade, combater o feroz egoísmo com que em geral se nasce e nos pequenos fantoches que a hão-de divertir, acabar com o pau, como argumento e demonstrar-lhes que com a bondade e com a caridade se póde fazer muito, num mundo, onde é preciso combater o mal, não com as mesmas armas, mas com aquelas que sempre vencem: o bem e a justiça. E preciso que nos fantoches da vida se deixe de premiar a intrujice dêsse polichinelo, que é Roberto e que o pequeno demónio de cara preta e chifresinhos doirados que corre o mundo aconselhando-o, não consiga deitar a mão ao pau e ambos darem uma formidável sova ao polícia.

Teorias péssimas que desde a infancia nutrem no homem o desrespeito da autoridade, e, êsse desejo duma falsa liberdade, a liberdade de fazer o que lhe apetece sem respeito por leis nem autoridades.

A criança de hoje compreende tudo mais fàcilmente que a criança de ontem. E, como vive mais depressa do que há cem ou duzentos anos atrás, não seria descabido dar-lhes divertimentos mais salutares que lhe insuflem na alma em formação uma moral sã, de generosidade e até de abnegação pelo seu semelhante. Devemos ter sempre em conta que o que, um dia, observamos nossos tempos de infância nunca mais se apaga da nossa memória, nem mesmo na própria velhice.

Pode esquecer-nos o que vimos ou ouvimos ontem, que o que nos despertou a atenção na meninice, isso jamais se apagará.

Pois bem: que sejam purificados os homens e as mulheres, tristes fantoches da vida.

Fantoches na vida puchados por cordelinhos, tantos cordelinhos que a ambição, o orgulho, a loucura muitas vezes mexam com mais arte do que o faz o titereiro mais célebre como o das complicadas representações do aperfeiçoado «Teatro de Reicoli», de Roma, o homem precisa de evitar que as suas acções sejam inspiradas pelos sentimentos que no momento o agitam.

Estamos no momento de renovação, movimento que o Estado Novo tem tornado grandioso; pois bem, que os cordelinhos passem para a mão do Bem, da Ordem, da Consciencia, dos sentimentos elevados e que a humanidade deixe de ser composta de fantoches na vida, e, passe a ser feita de homens de bem e de mulheres com a perfeita consciencia dos seus elevados deveres para com Deus, com a Pátria e com a Família.

MARIA DE EÇA.

A GUERRA SINO-JAPONESA
e a inutilidade da Grande Muralha da China

ALASTRARÁ a guerra entre a China e o Japão?

Se assim fôr, que obstáculo oferecerá a Grande Muralha às tropas nipónicas? Nenhum.

O mais interessante é que esta ideia de erguer muralhas para obstar a invasão do inimigo cubiçoso, foi sempre a grande preocupação dos chineses, mesmo nos tempos em que nada tinham a recear dos nipónicos.

Não se suponha, no entanto, que a construção da famosa Muralha da China constituiu uma originalidade. Nos tempos antigos, já os egípcios, os sírios e os medos levantaram muralhas de grande altura e extensão. Na Europa, durante o reinado do imperador Sétimo Severo, foi construida uma muralha ao norte da Grã-Bretanha. Todavia, justo é reconhecer que nenhuma nação realizou obra tão memorável neste género como a China.

A Grande Muralha foi mandada erigir pelo imperador Tsin-Chi-Hoang-Té no ano de 214 da era cristã, passando a ser chamada *Wan-li-tchang-tching* que, em chinês, quere dizer "grande muro de dez mil lis». O *li* é uma medida chinesa que corresponde a meio quilómetro, aproximadamente. Segundo aquela denominação, teria a muralha umas mil léguas de extensão, mas supõe-se não exceder seiscentas, o que já representa um prodigioso esforço.

Na sua construção, que durou dez anos, ocuparam-se milhões de operários, muitos dos quais ali perderam a vida. E, assim, a Grande Muralha estende-se desde a parte mais ocidental da província de Kan-Su até o Mar Amarelo. A importância deste grandioso trabalho tem sido avaliada diferentemente por diversos escritores que mais detidamente se ocuparam do Celeste Império. Enquanto uns o exaltam desmedidamente, outros ridicularizam-no.

Barrow, que fôra à China em 1793 na embaixada de lord Macartney, na qualidade de historiógrafo, levou a cabo um curioso cálculo.

Supondo que havia na Inglaterra e na Escócia 1.800.000 casas, avaliou a alvenaria de cada uma delas em dois mil pés cúbicos, e concluiu que todas elas continham menos materiais que a muralha chinesa, a qual, segundo julgava, os daria suficientes para construir um muro que désse duas vezes a volta ao globo terrestre.

É claro que Barrow tomou por base do seu cálculo a Grande Muralha, tal como a vira ao norte de Pequim. Ora, a gigantesca barreira, destinada a impedir as invasões dos tártaros, não apresentava em toda a sua extensão as mesmas dimensões e solidez.

Por seu turno, Huc, tão celebrizado pelas suas viagens, deixou as seguintes impressões, após a digressão que fez desde 1844 a 1846 através das regiões atravessadas pela Grande Muralha:

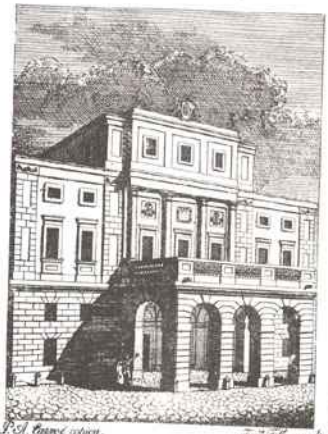
"Tivemos ocasião de transpor a muralha em mais de quinze pontos, e por vezes viajamos durante dias inteiros, seguindo-lhe a direcção e vendo-a sempre. Em muitas partes, em lugar da dupla muralha com torres que se vê nas proximidades de Pequim, só achamos simples muros de alvenaria, e até alguns de terra: vimos mesmo esta famigerada muralha reduzida à mais simples expressão, isto é, composta de alguns seixos amontoados. Quanto aos alicerces de que fala Barrow, que consistiriam em grandes pedras de cantaria ligadas com argamassa, devemos confessar que em parte alguma lhe descobrimos vestígios».

É de supôr que Tsin-Ché-Hoang-Té mandasse intensificar as fortificações nos lugares mais próximos da capital do império, visto ser para ali que as hordas de tártaros dirigiam, de preferência, os seus ataques. Outra hipótese pode ser formulada sem agravo de maior para o carácter dos chineses; que os mandarins encarregados da fiscalização de tão vastos trabalhos fizessem executar conscienciosamente os que podiam ser vistos pelo imperador; e que só mandassem levantar simulacros de muralha nos pontos mais afastados e menos expostos, enganando o imperador e guardando para si o dinheiro que poupassem.

Em qualquer dos casos, esta famosa muralha não salvou a China de ser duas vezes conquistada pelos tártaros. Em 1279, os mongois apossaram-se do império, comandados por um dos sucessores do formidável guerreiro Gengis-Kan, estabelecendo a nova dinastia começada em Kublai-Kan. Durou esta apenas noventa anos, acabando por ser expulsa por uma insurreição que redundou numa carnificina geral de tártaros e mongois. Surgiu, então, a dinastia dos Ming, que, por seu turno, foi derrubada em 1652 por outra invasão de tártaros apoiados por manchús.

Em boa verdade, se a Grande Muralha não tinha a menor eficiência nêsses tempos, em que a arte da guerra estava ao alcance de todos aquêles que possuíssem bons músculos e uma agilidade de cabra montês, neste momento, em que as tropas nipónicas, apetrechadas com os mais poderosos engenhos e auxiliadas pela sua aviação, avançam em território chinês, não será essa grandiosa barreira que lhes impedirá a marcha.

Se a guerra entre estes dois países se desenvolver, e, após a sua devastação, ainda restar alguma coisa da Grande Muralha, esta ficará sendo o que sempre foi: uma curiosidade para os turistas.



P. A. Bravo aquar. — F. M. Filho e sculp.

A curiosa exposição teatral tão auspiciosamente levada a efeito no palácio das Galveias veio evocar um saudoso passado que nada encontrou a substituí-lo a-pesar-do constante avanço da civilização aerodinâmica dos nossos dias.

Quem substituiria hoje a insigne Emília das Neves, a-pesar-dos artifícios e facilidades que a actual engenharia teatral consegue sem grande esforço?

Mas deixemos a celebrada Emília, não vão supor que procuramos uma estrêla de primeira grandeza para tudo eluciar.

A VOLTA DE ASTREA
DRAMA ALLEGORICO,
PARA SER APRESENTADO
NO THEATRO PORTUGUEZ
DA RUA DOS CONDES,
NO DIA DE OUTUBRO DE 1809,
FAUSTUSO ANNIVERSARIO NATALICIO
DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
O SENHOR
D. MIGUEL I.
MONARCHA BRAZILEIRO SOBERANO O REINANTE,
POR SEU MAIS HUMILDE E NOVEIROSO VASSALLO
JOSE' AGUSTINHO DE MACEDO.

LISBOA.
NA TYPOGRAPHIA DE BULHÕES, ANNO DE 1809.
Com Licença.

Teatro de S. Carlos

Citemos a ilustre Delfina do Espírito Santo que andou durante muito tempo ignorada, incompreendida.

Com a empresa do conde de Farrobo chegou, porém, a ocasião de se revelar a sua verdadeira índole artística e de deixar a dança que a artista nunca seguira com as verdadeiras e deliberadas tendências da sua vontade.

Um caso singular apontou à bailarina o seu inquestionável futuro. Ensaiava-se no Farrobo uma comédia intitulada *Mulher, marido e amante*. A distribuição dos papéis era a seguinte: o conde de Farrobo fazia o marido; a Pepina Erba, antiga e jubilada dançarina de S. Carlos, fôra dado o papel da mulher; o galã era a Escassa, outra bailarina de S. Carlos; o maestro Miró, falecido no Brasil, fazia o criado, e outra bailarina companheira de Delfina, incumbira-se da criada. Um desgôsto obrigou a companheira de Delfina a pedir a escusa do seu papel; e, como se quizesse desobrigar para com o conde de Farrobo, lembrou-se de pedir a Delfina que a substituísse. Delfina nem ideias tinha sequer do que fôsse declamação. A êstes temos só havia ido uma vez ao teatro da Rua dos Condes, e não entrara senão na caixa, indo lá com o único propósito de espreitar pelo olheiro do pano de bôca o que se passava cá fora, pois era uma noite de gala, e o desejo de ver a família real na tribuna e o aparato da sala com as suas louçanias, tinha-lhe aguçado mais a natural curiosidade, do que o facto de presenciar o que se passava portas adentro do proscénio.

No entanto, uma certa audácia, que era como a confiança que já anunciava a verdadeira actriz, fê-la aceitar o papel de que se tratava.

Sabida de todo a peça, chegou a noite da representação. Os ensaios já haviam revelado os instintos dum talento fácil em interpretar e reproduzir, mas a récita definitiva mostrou de todo, que ali estava a futura comediante que havia de progredir dentro em pouco pela naturalidade de uma declaração tão exponíinea e apropriada nas inflexões cómicas. Um aplauso geral foi o baptismo da nova actriz. O conde de Farrobo havia sido dos primeiros a adivinhá-la e a aplaudi-la: e a distinta sociedade do Farrobo deve ter a ufania de ter concorrido para esta prometedora iniciação de um dos mais simpáticos talentos que figuraram na nossa cena.

A volta da Astreia

Nesta época, uma concorrência entre a companhia da Rua

TEATRO DE OUTROR A

O talento da actriz Delfina

e o esquisito gôsto das plateias de há cem anos

dos Condes, de que era empresário Emílio Doux, deu ocasião a que o actor Dias se juntasse com vários homens de letras e formasse a chamada *Associação de Gil Vicente*.

Nesta associação figuravam nomes ilus-

Conde de Farrobo

tres pelas letras e benquistos pela solicitude com que se dedicavam de coração a estas coisas de arte. Assim, vemos reünidos ao nome de António Feliciano de Castilho, o de Paulo Midosi, pai, e o de Cesar Perini, poeta dramático italiano de alguma habilidade, lente de declamação no Conservatório, o qual havia tomado o cargo de ensaiador nesta emprêsa.

O teatro escolhido fôra o Salitre. Todavia, as dificuldades que rodeavam a nova sociedade eram grandes e quási insuperáveis: uma delas, e a principal, era a quási total carência de vocações para a cena. A companhia portuguesa, que então existia, achava-se repartida, e o teatro do Salitre, além do actor Dias, contava apenas com a actriz Bárbara, e Inácio, vocações cómicas de verdadeiro anreço, posto que em género e gradações mui diversas.

Ficaram memoráveis, contudo, as noites de ansiedade em que um público escolhido e votado aos progressos das nossas coisas, corria a êste teatro para festejar as produções dos nossos primeiros escritores. *O Fronteiro* de Álrica, o único drama de Alexandre Herculano, foi representado nesse tempo. O desejo de auxiliar os intuitos da associação com a autoridade do seu nome, que já a êste tempo era grande e prestigioso, moveu o autor do *Mestre Gil*, da *Abóbada* e doutras criações em que a história se alia com a fantasia em formosos quadros de sentimento nacional, a tentar o género dramático.

Quando não fôssem outros os dotes do drama de Herculano, bastava o enérgico monólogo do Fronteiro, abraçado com a sua *bela espada de África*, para ainda nos fazer palpitar de calorosas sensações patrióticas, a nós outros que o escutávamos em religioso silêncio e cobríamos de aplausos as inspiradas frases do poeta. *Os três últimos dias de um sentenciado*, e outros melodramas de lutuosa memória, também ai tiveram a sua vez, porque então o cadafalso, o esquife, o dobre de finados, o punhal, o veneno e o prostíbulo eram os incentivos únicos atirados ao teatro pelos dramaturgos da escola ultra, que haviam reduzido a um processo simples os efeitos de seus dramas, isto é, a um passeio alternado do cemitério para as enxovias e das enxovias para os patíbulos.

A sociedade daquela época tinha por fôrça necessidade de chorar. Só assim se explica a ânsia, o frenesi, o delírio com que se corria ao teatro quando algum dêstes partos sinistros das imaginações lúgubres prometia ter em sobressalto, apenas cortado de torrentes de lágrimas, um público inteiro. Havia situações que pesavam sôbre a imaginação dos espectadores, como um pesadelo infernal. Ouviam-se, resando o credo em cruz, e com o peito oprimido de tribulações. Na plateia o assombro dava uma expressão alvar a tôdas as caras, e, nas camarotes, os olhos femininos eram cascatas. Uma nuvem de lenços brancos, comprimindo os lacrimais, indicava os lances patéticos em que a heroina era cravada de punhaladas ou o tirano morria na boca dum arcabuz. Nestes momentos de solenidade pavorosa, a trovoada de palmas era certa. Alguma cabeça de vítima tinha rolado aos pés do algoz (*sacão* na linguagem da época). Então a alma do espectador sensível aliviava com êste desabafo expansivo, como se houvesse deitado a cabeça de fora dum calginoso ambiente subterrâneo.

Era êste o gôsto do tempo!...

O *Roberto do Diabo* também foi lembrado para entrar nesta galeria de dramas medonhos. Como é sabido, Satanaz faz de tirano nesta composição fantástica: ora Satanaz nunca pode ser um tirano de pouco mais ou menos.

Esta circunstância, junto à popularidade da lenda, tão conhecida dos lidos nas obras,

Que na Arsenal, ao vago cami-
[nhante,
Se vendem a cavalo sem bra-
[gante,

Emília das Neves

tornara-se razão mais que suficiente para alcançar dez enchentes de deitar por fora.

Deliberou-se, pois, que o célebre pacto do diabo com o duque da Normandia fôsse à cena.

Mas — caso estranho! — para o desempenho do protagonista e do diabo havia actores: para estes *papeis fortes* havia sempre fôrças nas companhias, ainda as mais frouxas e incompletas; o que faltava era a dançarina para a cena do sonho. Ora, o *Roberto* sem sonho, que é como uma visão de suaves tentações que atravessa o cérebro escaldado daquele pupilo de Satanaz, era uma coisa incompleta que o público não aceitaria fàcilmente. Por conseguinte, tornava-se indispensável procurar a dançarina, custasse o que custasse. Mas no Salitre não havia

Delfina do Espírito Santo

nem sombras de dançarinas nestes tempos. As artes amenas tinham sido banidas pelo génio terrífico das vinditas melodramáticas. Davam-se golpes de fender o crânio de alto a baixo; propinavam-se venenos aos almudes; coziam os protagonistas às punhaladas; mas, a não ser isto, tudo o mais era reputado frouxo, e incapaz de acordar o gôsto das plateias, sepultado em apatia.

No entanto, a bailarina continuava a ser indispensável. Terpsícore, a mais brincalhona, e leviana filha de Apolo, tomara a sua vingança destes fabricadores de carnificinas e incêndios, tomados por uma aberração do espírito do tempo, o manjar predilecto do paladar popular. Esta vingança foi aparecer, afinal, a dançarina desejada, mas uma dançarina que não queria dançar!

E sabem quem era esta dançarina que assim vindicava a arte, por uma maneira indirecta? Era a bailarina Delfina que, perdendo a ligeireza e o aéreo de formas, começara a conhecer que *passar quartas* e fazer piruetas não era um simples caso de que dependesse só da vontade própria, mas que era necessário que o pêso específico do corpo, posto em rodopio, estivesse de acôrdo com a natureza do exercício determinado.

Isto em vulgar quer dizer que estava muito gorda e que não queria nem podia dançar.

Assim, Delfina declarou que faria a cena do sonho, mas em mímica. O seu ultimato foi aceito: e a pantomima, como a transição mais natural da dança para a declamação, expressou com as mãos o que um capricho do autor do *Roberto do Diabo* quisera que fôsse expressado com os pés.

Esta foi a entrada da actriz Delfina no Teatro do Salitre.

ANDRADE FERREIRA.

Aquilino Ribeiro

Há alguns dias apenas que Portugal conta mais um escritor digno dêste título — o Cavaleiro de Oliveira — graças ao magnífico livro O Galante Século XVIII, que Aquilino Ribeiro teve a feliz idéia de irmanar às «Doiras mulas» do nosso desventurado compatriota calúnia, para as restituir à língua materna com a ciência e o talento de que só o festejado autor da Via Sinuosa, sente repetir.

Depois de ter sido o belíssimo dêste tão injustiçado fabulista Francisco Xavier de Oliveira, Aquilino Ribeiro quis dotar conhecido a obra dêste Cavaleiro famoso de que muita gente ouvia falar sem saber a razão de tal fama.

Que Ele existiu no período setecentista não havia que duvidar, mas que deixara escritos dignos de chegarem à posteridade, muito poucos portugueses, mesmo muito cultos, o sabiam, apesar da terrível violência de tradição que nos afaga por todos os lados e de todos os feitios.

O Cavaleiro de Oliveira não podia ficar esquecido.

Aquilino, ao traçar-lhe magistralmente o perfil, declara, com a franqueza de herói que o caracteriza, que ele «foi um irregular, um leviano, foi o seu século. Amou muito mulher, escreveu sem disciplina umas dezenas de belas páginas, foi ate o crime sem dar bem por isso. Perverta, demónio, mas, desculpando a sua obra moral foi muito que tôdas as suas perversões juntas».

Assim, no fim de contas, Amou como só um português sabe amar. E, a despeito dos continuos vendavais das fruta resultadas dêes nossos dias, vamos estão ainda viajantes e fieiscos as grandes dêsse grande amor!

E Aquilino remata:

«Esse sentimento, só, bastaria para lhe perdoar as ânsias negras de vida inquieta e atormentada, se legítima fôsse esperar o escritor através do homem, pesar-lhe as ideias sobre ações. Ainda assim, tão vida, tão vigilante, é aquêle amor, que tudo deve perdoar-se-lhe, melhor, que está perdoado».

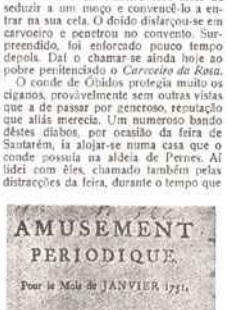
Eis um trecho d'O Galante Século XVIII que ficará valendo mais do que um monumento em bronze à memória do Cavaleiro de Oliveira:

Os ciganos são como as aves de arribação, aparecem com a primavera, somem-se com o inverno. Ninguém sabe donde vêm nem para onde vão. Em verdade a índole dêles é detestável; por via de regra, são gatunos, intrujões, traiçoeiros, volúveis, atrevidos até a temeridade. Os homens caracterizam-se pela lealdade, a robustez, e pela capacidade em aguentar tôda a espécie de fadiga. As mulheres são, por vezes, bonitas e simpáticas; algumas mesmo, dispõem de agrados, uma graça e formosura não vulgares. Quando acampam numa região, produzem elas mais estragos que o resto da tribu. Sabem fazer-se amar por seus mil atractivos selvagens e os homens largam tudo por elas. São temíveis a despertar amores fatais.

Lembro-me de vários exemplos, que tiveram Lisboa por teatro, em que alguns enamorados chegaram à extrema perdição, com sacrifício do descanso, fazenda, juízo, a própria vida. Três anos passei eu, também, na escravidão de Joana Vitorina, rapariga desta raça. Não foram poucos os incómodos que me causou, incómodos de saúde, de tranqüilidade, de fortuna. A minha família vivia numa inquietação constante.

O próprio soberano andou enfeitiçado, obra de amavios ou de sedução, durante muito tempo por Margarida do Monte, cigana igualmente. As intrigas que urdiu causaram muita desordem, exílios e mortes. Acabou reclusa no convento da Rosa, que pertencia à Ordem do Patriarca S. Domingos. O santo patrono não a curou, porém, de sua natureza desvairada. Mesmo do claustro teve artes de seduzir a um moço e convencê-lo a entrar na sua cela. O doido disfarçou-se em carvoeiro e penetrou no convento. Surpreendido, foi enforcado pouco tempo depois. Daí o chamar-se ainda hoje ao pobre penitenciado o *Carvoeiro da Rosa*.

O conde de Óbidos protegia muito os ciganos, provàvelmente sem outras vistas que a de passar por generoso, reputação que aliás merecia. Um numeroso bando dêstes diabos, por ocasião da feira de Santarém, ia alojar-se numa casa que o conde possuía na aldeia de Pernes. Aí lidei com êles, chamado também pelas distracções da feira, durante o tempo que



Frontispício do Amusement Périodique

As belas páginas avaleiro de Oliveira

que Aquilino Ribeiroituiu à língua materna

permanecia em Pernes. Embora desconfiasse, cumprimentou com a mais perfeita cortesia. Depodia prescindir dêles, mormente à caça. E, conversando, confessou-me que a dura vida o ompregava, resolutamente, com certa desenvoltura a pôr-se à testa duma quadrilha de bandoleidesateia fazer festas às mulheres e às raparigas, que naquela mata exerciam a arriscada pronei que era esta a melhor forma de me pôr a salvo. Quanto a mim, era senhor de ir onde de suas mãos manhas e palitarias e não me enganei. Obedeciam-me todos como escravos submissos e chamavam-me patrão. Verdade se diga, por mais de doze ou quinze anos que fraguei com êles, não recebi o menor enxovalho. Já os meus amigos e vizinhos das aldeias limítrofes não poderiam dizer a mesma coisa. A maneira de se fazerem respeitar era usando a fôrça, e pela intimidação e maus tratos. Eles, por sua vez, respondiam-lhes na mesma moeda.

Os ciganos professavam o respeito mais sagrado pelo conde de Óbidos, seu benfeitor. Se fôsse preciso dar a vida por êle, estou em crer que não hesitariam. Ao menos, ouvi-lhes fazer juras disso.

Diziam-me êles que não estava no seu caso cobiça do oiro, rejeitaram as moedas que de pagar o bem com o mal e que, nunca por nenhum grado lhes ofereci.

retribuíriam com a ingratidão uma generosidade. Quanto a comediantes, os portugueses pensam recebida. E, de facto eu fui testemunha de como desfavorìvelmente dêste mister. Reprovam-esta palavra não era vã.

No dia 7 de Novembro de 1727, cêrca de nove da tarde, saíu-me pela dianteira uma quadrilha de ciganos armados até os dentes. Acompanhavam-me nas dois criados, um dos quais não me inspirava confiança alguma. Eu estava armado, é certo, mas que me valia contra um bando tão numeroso?! O *Zíndel*, rei, chefe ou que era, podia atacar-me com certeza de me vencer, levar-me a bôlsa, arrancar-me a vida. Pois não; como me conhecesse, abeirou-se de mim e, tirando o cha-

Exlibris de Oliveira

dizer que os freqüentadores de tais espectáculos correm tanto o risco de perdição com os próprios actores.

Os ricos senhores, que professam o mais vivo desprêso pelos actores, padecem do fraco mais extremo pelas actrizes. Não há nada que não empreendam para obter as suas graças; e nenhum se julga verdadeiramente *alguém* se não atou ou não nutre intrigas com comediante. É um petisco de que são gulosos e que reputam feito só para suas senhorias. Por elas vão às do cabo; empenham crédito e honra. E caprichosos em estadear suas conquistas, denunciam sua tontaria até amar, não uma bela criatura ou uma excelente artista, mas apenas uma farçoleira de coturno, uma Petronilha.

Esta cômica, nem notável pela formosura nem pela arte, soube após um enrêdo demorado cair nas graças de el-rei. Usurpou-lhe o que pôde, que não foi pouco para carregar trinta mulas que com ela passaram a fronteira. Em Madrid, nada e criada no palco, teve saúdades do tablado e regressou à sua profissão. As jóias que ostentava eram tantas e tão preciosas as senhoras mais ricas e distintas cobraram inveja. Acabou mal, em basta os restos dos seus encantos que, a meu ver, não passavam de certa viveza de temperamento ou uma aduela a menos.

Como a actriz Gamarra teve o marquês de Gouveia, conde de Santa Cruz, mordomo de El-rei e seu parente chegado, um longo e complicado romance. Casada, de seu nome Isabel Gamarra, professou, no decorrer das relações com o marquês, no convento de S.ta Mónica de Lisboa, da Ordem de S.to Agostinho. Conta-se que o marido era consentidor naquele comércio, que êle mesmo negociara por uma quantia taluda. O facto é que após a morte do marquês a Gamarra quis regressar ao lar conjugal. Mas como a impedissem os votos contraídos e não achasse modo de anulá-los, um belo dia escapou-se furtivamente do mosteiro e com o espôso tomou o caminho de Madrid onde voltou à vida antiga da ribalta.

A Gamarra com Gouveia assumira o autêntico papel de sua dona... de marquesa. O galante, depois que lhe caíra no regaço, mudou; era outro. De senhor dos mais altaneiros da côrte, senão o mais altaneiro, tornava-se escravo submisso às ordens da amada. Antepunha estas às do próprio rei.

Um dia recebeu um correio de El-rei para que se apresentasse imediatamente; recebia, ao mesmo tempo, uma missiva da amante para vir ao pé dela. O marquês subiu para a liteira e disse ao batedor:

— Paço.

A meio caminho arrependeu-se e, com receio de desagradar à Gamarra, mandou virar para o convento de Santa Mónica.

— Nunca mais lhe aparecia se aqui não viesse primeiro — disse-lhe ela.

— Não sabe o que arrisco para lhe obedecer — respondeu o marquês.

— Era a sua obrigação. *Antes que todo es mi dama.*

— ?

Autógrafo do Cavaleiro de Oliveira

— Podia eu acreditar no seu amor se não fizesse todos os sacrifícios para me ser agradável?

Ouvi eu mesmo êste diálogo, e vi, entre juras de bemquerença e engrimanços vários, dar-lhe o marquês o retrato enriquecido de brilhantes. Após o que, o enamorado abalou a servir El-rei.

Isabel Gamarra foi sem dúvida a mais linda actriz que pisou os palcos de Lisboa. Era moça, esbelta, blandiciosa; além de graça e chiste no dizer, linha muita vida e encantos de tôda a espécie. Pecava por um defeito grave: ser infiel, ou, se não constitui êste defeito numa actriz, ser infiel dissimulada. Traía ligeiramente o marido e o amante. Por um tinha aversão, pelo outro apenas estima. A sua ternura la tôda para Valentim da Costa Noronha a quem amava do fundo de alma. A minha amizade com êste fidalgo levou-me ao segrêdo de seus amores. Conheci Gamarra melhor que ninguém. Durante dois anos tive mil ocasiões de vê-la, praticar com ela e avaliar suas qualidades e faldas.

Noronha, levado por uma destas paixões sem freio nem balisas, sacrificou tudo a esta actriz religiosa: o afecto que devia à esposa, o respeito dos seus, a estima dos amigos, o futuro dos filhos, o descanso, os interêsses, a própria vida.

Mal o marquês se apercebeu do rival, planeou a sua perda. Por duas vezes atentou contra a vida dêle. Uma das vezes, era noite, estava eu com Valentim Noronha, corremos os sicários a ponta de espada. O meu amigo era bravo e destemido, até arrostar encontros com o respeitável e poderoso marquês. Ressentindo o coração a sangrar, obteve êste da mão de El-rei uma ordem de prisão para o rival. No cárcere quedou nove meses, tempo que deitou além da morte do marquês de Gouveia, mercê da influência do P.e Gaspar, tio do defunto, que assim pensava vingar os manes do atraiçoado.

Isabel Gamarra amava deveras o Noronha. No mesmo dia em que o marquês lhe deu o retrato vi-o eu nas mãos do meu amigo.

AQUILINO RIBEIRO.

VER E AMAR...

Onde existe a felicidade?

CAROLINA ia contente, muito contente, tão radiante e alvoroçada a sua alma talvez um pouco caprichosa, que só a muito custo a recta educação lhe sustinha nos lábios rubros, mas largos de mais para serem irrepreensivelmente bonitos, o riso que lhe andava a bailar no espírito. Mas os olhos não ocultavam o entusiasmo que a impulsionava, e riam atrevidamente, brilhantes, animados, audaciosos, a fitarem altivos os transeúntes, encarando-os como se ela desejasse comunicar-lhes num grande grito, num desabafo mal contido, o pensamento que a dominava:

— Eu valho tanto como vós!

E porque ia a Carolina tão contente, tão radiante e alvoroçada a sua alma talvez um pouco caprichosa, se, de ordinário, era sombria a disposição que lhe enrugava a testa? Se sempre era negro o humor que a fazia desesperar contra a medíocridade duma existência singelíssima, sem dúvida arrebatadora de dedicações e nobres altruísmos para um espírito mais tranqüilo e puro, mais amoroso e cativante, mas insuficiente para quem só uma vida admirava e queria: a do luxo, do gôzo, naquela esfera superior, fóra do qual tudo lhe parecia insuportável!

Porquê tal alegria então? Porquê?!

Carolina dava lições, dava-as não por prazer (que não tinha nenhum) mas pela necessidade de manter e ajudar a velha mãe, uma pobre senhora, a quem a infelicidade tocou mal se desposára com um jóvem médico, morto de contágio, de certa epidemia que então grassava.

A pobre senhora fizera verdadeiros prodígios de abnegação para dar um futuro àquela filha rebelde, amuada, taciturna, mas que, por vezes, ao encarar as rugas precoces e os nevados cabelos da mãe, tinha assomos de ternura e arrependimento que iam humedecer-lhe os olhos e limpar de tristes apreensões o seu coração fatigado. E Carolina, tendo recebido nesse dia os seus honorários, acrescidos dumas explicações que fizera, ia enfim realizar a ambição máxima que andara acalentado todo o inverno... ia comprar a sua "toilette" de verão, ia vestir-se elegante, primorosa, ia deslumbrar as ruas que a conheciam modesta e apagada figurinha de trabalho.

Sim, tinha a certeza, agora, de que não lhe iriam faltar olhares e sorrisos, lisonjas e adorações; a sua graça um pouco extranha lucilaria como jámais o poderia fazer, oculta entre o casaco sem peles e a bolina já ruça de muito uso...

E não era assim, porque, afinal, de qualquer forma, bem ataviada ou muito simples, ela era e seria sempre gentil, graciosa, atraente pelo ondulado do andar rápido, simpática pela altivez dos olhos castanhos, sempre dominante pela vida exuberante do seu corpo ágil e esbelto.

Mas Carolina, modesta afinal, não julgava assim e se acaso alguém a fitava, admirando-a, fugia desesperada... julgava-se escarnecida... — escarnecida pelos "andrajos", que a cobriam —, como, um dia, dissera inclemente à mãe num desabafo sem justiça. E a santa senhora, ao vêr o seu fundo desespêro, a sua desdita imensa, num arranco de suprema abnegação lhe dissera:

— Leva Carolina... É o dinheiro dos meus alimentos durante o mês... Comerei só pão e água... Mas compra o que queres... Não te posso vêr chorar!...

Então, num soluço, a jóvem gritou, compreendendo o adorável exemplo materno:

— Oh! Perdão! Perdão, minha mãe!

E, desde então, nunca mais se queixou, mas ia-lhe rugindo na alma a tormenta que tantas almas femininas perde...

E nem a ternura, a apaixonada dedicação do noivo lhe minorava o descontentamento. Talvez porque êsse noivo trabalhador honesto e calmo, não correspondia em absoluto aos seus sonhos, aos seus anhelos de ambiciosa, onde entravam mancebos aerodinâmicos como os seus automóveis de luxo, com rostos adamados de serafins, gestos estudados de paixão de modelo universal e frases alambicadas aprendidas de cor em cênas que o cinema lhe mostrava.

Por isso, repugnava-lhe casar com Raúl; repugnava-lhe continuar a ser a humilde professora de até então, quando sentia em si energias para menina da moda.

Não! Não! Ela queria outra coisa, outro amor, sábito, violento, um lindo romance a alastrar como uma vida que se desenrola em fugitivos minutos...

Pobre visionária!

Um dia, também isso confidenciou à mãe... Ela olhou-a, sorriu amargamente, e replicou-lhe:

— Pobre filha!... Desejas então ser infeliz... Toma cuidado que uma grande decepção te espera!

Sim, decerto! Com aquêles horríveis andrajos que a cobriam!

Por isso ela ia contente, e confiante! Agora... tudo ia ser possível!

Entrou numa loja sua conhecida pelo renome que a modo lhe dêra, e fêz as suas compras... Quando saiu, braço carregado de embrulhos, esquecêra-se até de que ainda a não cobriam fôlas sêdas que estivêra apalpando... e tão segura de si caminhava, que, quando um rapaz — quise o seu "tipo" — a fitou, sorriu... e bateu-lhe alvoroçado o coração quando verificou que êle a seguia.

Não podia ter dúvidas! O seu romance ia começar! Triunfaria! Aquêle que a seguia era por certo o seu destino, belo como o desejara, apaixonado já, rendido à sua formosura... Devaneava perigosamente, deixava-se embalar em pérfidas ilusões...

Quando se meteu no eléctrico, teve um sobressalto, vendo-o sentar-se ao seu lado, mas a lhaneza dêle, a delicadeza que mostrou na reserva marítida, mais a incitou a crer que achara o seu ideal. Belo, distinto, rico, — não podia aceitar a ideia de que êle não fôsse também rico...

Não mais se lembrou dos conselhos da mãe, do seu rosto triste e

melgo; varrera-se-lhe da mente a recordação do caracter firme e direito de Raúl...

Perdera-se por entre o azul do reino das quimeras a construir um castelo de sonhos loucos... que o vento inclemente das realidades em breve destruiria...

Apeou-se do carro e quando voltou a cabeça, uma grande decepção a empolgou... Êle não viera...

Só então se lembrou de que ainda a não vestia a elegante "toilette" que comprara; sofreu um desgosto e logo, mirando melhor os embrulhos, soltou um grande grito.

— A minha carteira! A minha carteira!

Desaparecera a carteira em que guardara o dinheiro que seria o seu sustento, a sua vida durante o mês!

Tinha sido roubada!

Compreendeu tudo!...

Retrocedeu, correu desvairada às lojas, numa réstea de esperança, andou como louca... e no fim, recolheu a casa estalada, a debulhar-se em pranto.

Receberam-na a mãe e o Raúl, que se

encontravam já numa mortal inquietação pela sua demora:

— Roubaram-me! — balbuciou entre lágrimas — roubaram-me!

E contou a sua odisseia, omitindo apenas o que a presença do noivo não lhe dava coragem para explicar.

As suas ridículas ilusões! Ah! Como agora se arrependia e córavа!

Porém, Raúl, como que adivinhasse o que ela não dissera, pegou-lhe nas mãos frias como o gêlo, e disse-lhe:

— Descansa... Fui promovido... Estou a ganhar muito bem! Casaremos ainda êste mês, e de hoje em diante não mais darás lições... Ao menos, aqui em casa, o "ver e amar" que loucas cabecinhas acreditam, não correrão o perigo do roubo...

E como os olhos de Carolina lhe exprimissem, enfim, muita ternura, um reconhecimento profundo num amor sincero a resplandecer, e a apagar um capricho ruim, êle debruçou-se e foi beber num beijo a última lágrima que lhe rolava pelas faces... Carolina era feliz!

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.

Foi um lavrador à cidade e o pároco da sua freguesia pediu-lhe que fôsse a um santeiro encomendar para a igreja um S. Sebastião de dadas dimensões.

Preguntou-lhe o escultor:

— Como o querem? Vivo ou morto?

— Eu sei lá, respondeu-lhe o lavrador algum tanto confuso com a pregunta, Faça-o vivo, que, se o quiserem morto. lá o matarão!

■

Um moribundo, que toda a sua vida fôra fiel devoto de Baco, pediu um copo de água, bebeu-a, e disse com grande contrição:

— À hora da morte devemos reconciliar-nos com os nossos inimigos.

■

Um forreta muito conhecido obteve um dia um "passe" do caminho de ferro para ir ao Porto na 1.ª classe.

Costumado a viajar em 2.ª, pediu ao

— Ah meus ricos senhores!... Dava dez anos da minha vida para ter vinte anos a menos...

director que lho trocasse, o que lhe foi imediatamente concedido. Feito êste novo favor, deixou-se ainda ficar à espera.

— Agora, está satisfeito?

— Não. Queria a diferença em dinheiro.

■

Um janota para um velhote rico:

— Faz favor, empresta-me 10 escudos?

— Tome lá cinco, que é o que trago comigo.

— Bem; é o mesmo, fica-me devendo os outros cinco.

■

— Meu amigo, acho-o muito melhor! — dizia um médico a um doente. — E o pulso está óptimo! Então, pelo que vejo, seguiu a minha receita?

— Pobre de mim — replicou o enfermo, pois, se o houvera feito, teria quebrado as pernas.

— Então, como? Explique-se, que não o entendo.

— Quero dizer — respondeu o doente — que atirei com ela pela janela fora.

■

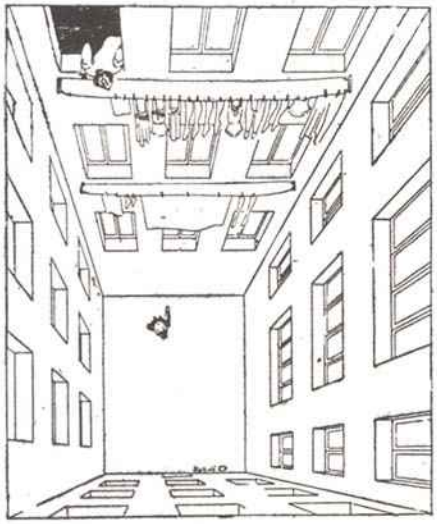
Um celibatário justificou o seu estado com as seguintes respostas soríticas às preguntas que lhe fazia uma senhora:

— Casarás?
— Não.
— Porquê?
— Porque andaria pesaroso.
— E porque andarias pesaroso?
— Porque teria ciúmes.
— Porque terias ciúmes?
— Porque seria enganado.
— Porque serias enganado?
— Porque o teria merecido.
— E porque o terias merecido?
— Por me ter casado.

■

À mesa de uma casa de hóspedes, um explorador de grandes farroncas, contava uma aventura terrível num vago continente misterioso.

— Estávamos quási a morrer à míngua, quando me ocorreu uma ideia de-



Ela: — *Tu não gostas de mim!*
Ele: — *Não digas tolices!... Então se eu não gostasse de ti, estava aqui tôdas as noites a aguentar esta grande massada??...*

sesperada! Cortei umas botas em pedaços, fiz com elas uma sopa e assim pudemos resistir até que nos viessem buscar!...

— Cale-se, homem — redarguiu do lado um comensal — se a patroa o ouve, temos botas de escabeche para o jantar...

■

Certo professor preguntou um dia aos seus alunos a solução do seguinte problema:

— Esta sala tem 20 carteiras, 4 mapas 63 azulejos, 40 tábuas de soalho, 20 traves, 4 candeeiros. Que idade tenho eu?

Um aluno respondeu prontamente.

— Sessenta anos!

O professor, admirado de tão extraordinária resposta, preguntou:

— Ora essa! Porquê?

O aluno tornou a responder:

— Porque lá por cima da minha casa mora um senhor que tem trinta anos e minha mãi diz que é meio tarado!

■

Num *five ó clock*, um casal de novos ricos vê-se, de repente, entre pessoas de tom, e a nova rica, um pouco mais ao facto dos usos mundanos, ao ver que o

— Quando estive no Polo Norte, o frio era tanto que a água do banho quente parecia sorvete...
— E como te arranjaste?
— Eu te digo... Indo bem abafado.

esposo ia tirar os torrões de açúcar com os dedos, toca-lhe no braço e murmurou discretamente:

— Com os dedos não... pega-lhe com as tenazes...

E o brutinho, sem perceber, respinga em voz alta:

— Mas... o quê?... cá em casa servem o açúcar quente?!...

■

Quando o *Lusitânia* se ia a afundar, estavam na ponte dois judeus, um dos quais chorava copiosamente.

Então o outro gritou-lhe:

— Homem, porque choras tanto?... O barco não é teu!...

— Pois essa é que é a minha pena. Se fôsse meu, sempre recebia o seguro.

Pobres crianças de agora!

JÁ não há infância. A vida moderna acabou com as crianças.

Logo que largam o seio materno ou o "biberon" e se desembaraçam dos cueiros, logo que tagarelam qualquer coisa e sabem mexer as pernas, as crianças passam a adultos.

Não na configuração nem na fôrça física, é claro, mas no pensar e nas voltas que dão à vida obrigando-se a reflectir cedo de mais.

Aos três anos começam a calcurriar Lisboa — e quem diz Lisboa, diz Paris ou Berlim, porque o flagelo é geral, vendendo jornais.

Faz pena ver êstes pardalitos, em dias de chuva, encharcados, espreitando gulosamente para dentro das leitarias, onde outros mais felizes comem doces que os pobres só conhecem em sonhos, e poucas mães afortunadas se lembram de ensinar os filhos a cercear a sua parte em guloseimas para desaguar uma boquita desejosa e faminta.

Dantes, as crianças brincavam com bonecas até muito tarde, e conservavam a graça e a ingenuïdade infantil, que tanto encanto lhes dava. A guerra foi muito culpada das necessidades materiais que as crianças passaram e certamente que os rapazes e raparigas que nesse tempo eram de poucos anos, sobretudo nos países que se degladiavam, não têm o vigor da gente de outras épocas, e coube-lhes uma infância triste e pobre de mimos e brinquedos.

Lembro-me bem de que os meus filhos, coitados, durante a ocupação da Bélgica, me diziam:

— "Mamã, agora não temos brinquedos, mas olha que nós depois da guerra, mesmo mais crescidos, queremos brincar e comer doces, como se fôssemos pequenos como agora".

E assim diriam os outros meúdos às suas mães.

Afinal, os meus não brincaram antes nem depois.

Antes, a penúria em que a guerra nos pôs não deixou e um lá ficou sepultado nessa Bélgica-mártir, minha segunda pátria ainda por outros motivos de ordem espiritual.

O mais novo aqui veio a morrer do mesmo mal e das mesmas causas — as privações criadas pela guerra e o resto...

E foram-se ambos, sonhando sempre em recuperar a sua criancice perdida sem brinquedos e sem doçuras, emquanto comiam o pão negro e escasso e bebiam o café sem açúcar ou qualquer coisa a que se dava êste nome, como consolação.

■

Mas, se as crianças de agora têm que passar pela infância, sem conhecer-lhe os prazeres e diversões, por imposição da vida material, há ainda uma razão mais triste, mais deshumana até, para que na sua alma murchem tôdas as seduções dessa idade maravilhosa, em que tudo nos parecia nimbado deluz e em que o perigo nos era tão desconhecido, como o pudor.

A criança de hoje é uma desgraçadinha, pela educação que leva e pelos tratos que lhe dão.

Eu não sei se foi a guerra que desmoralizou assim a família ou se foi a moda que também na guerra colheu as suas audácias.

O que é certo é que os ânimos estão mais azedos, mais desabusados, mais atrevidos.

As mães não sabem dar-se ao respeito e entendem que é à pancada que se educam os filhos. A' pancada e com palavrões, pragas e tôda a sorte de impropérios, que até faz dó e revolta, ver insultar crianças inocentes.

Como querem que os filhos amem e respeitem quem assim os maltrata, criando-os ao bofetão, e sem nenhuma espécie de carinho?

Pelo menos é isto que se vê nos meios da classe pobre.

Que a vida difícil e por vezes angustiada torna em madrastas certas mães — podem dizer-me, com perdão de certas madrastas que são mães...

Mas, justamente, para, suportá-la, é preciso ternura e paciencia com as crianças que não tiveram culpa de virem ao mundo em tão calamitosas condições.

■

Com respeito à moda, decerto que concorre para a desmoralisação da infancia, abrindo-lhe prematuramente os olhos para a vida e o seu estendal de misérias, com a exibição de mulheres quási desnudas completamente — o que lhe transtorna os sentidos, forçando-a a comprender aquilo que para ela é ainda um enigma, e que vai mexer-lhe com o pudor chamando ante des tempo a vergonha.

Uma noite, em que assistia a um espectáculo de revista, tive a prova do que acima digo:

Havia uma família da província num camarote ao lado do meu, com um rapasito dos seus oito anos.

Cada vez que no palco aparecia um friso de mulheres de tanga e "soutien" apenas, a criaturinha quási amachucava a cara no rebordo do camarote, para não vêr essas cênas.

Para o seu espírito inocente, aquela exposição parecia-lhe uma monstruosidade, e via-se que sofria uma tortura inexplicável.

E não havia meio de o persuadir a o olhar para o palco.

Que se passaria no cérebro daquela criança, quando a mão invisível da maldade pretendia arrancar-lhe dos olhos o véu da inocencia, que era o prisma caridoso por onde ela devia olhar a vida, sem ver-lhe as nódoas negras dos vicios ruins?

Devia ser um verdadeiro martírio querer adivinhar o que andava tão distante do seu entendimento.

Aquela lei que proíbia a entradas das crianças no teatro, até uma idade já mais próxima da puberdade, é pena que caísse em desuso. Tôdas as coisas boas são assim...

Não resolvia completamente a questão, mas ajudava bastante.

■

Para restituir à criança de hoje, o seu antigo e próprio estado de alma, era preciso que os pais, e as mães principalmente, que mais chegadas estão sempre, se corrigissem dêsse péssimo costume, mesmo criminoso, de conversarem diante dos filhos em coisas íntimas ligadas à vida sexual, e se abstivessem de palavrões obcenos, levando-os a obedecer-lhes pela persuação e pelo carinho. Infelizmente isto já chegou a um tal estado de insalubridade, que o saneamento é quási impossível.

E digo quási, porque me custa que portugueses, afeitos a lutas temerárias e sempre triunfantes, não consigam riscar dos seus espíritos esta palavra.

Pobres crianças de agora!...

MERCEDES BLASCO.

A QUINZENA DESPORTIVA

A magnífica chegada dos 100 metros nos campeonatos de Lisboa, ganhos pelo corredor Alves Pereira

LIQUIDADA no campo do Lima, com o encontro Pôrto-Lisboa, a actividade anual do açambarcador football, cujos representantes fôram de longada até ao Funchal disputar um jôgo de férias contra a selecção local, passaram a plano de destaque os desportos mais modestos, que S. Ex.ª ofusca durante a época de reinado.

O atletismo, o ciclismo e a natação, são as três modalidades mais interessantes desta quadra, visto que as diversas variantes de jogos em campo, como o basket, o handball, o hockey, seguem na sua retirada o mano mais considerado.

Consagremos-lhes duas palavras de apreciação.

A época de basket terminou com o final do campeonato de Portugal, defrontando-se o Carnide e o Sporting, com a vitória do primeiro, vitória difícil e na qual pesou um êrro de critério do árbitro, aplicado no momento decisivo da luta. As vezes, os factos encadeiam-se numa relação de coincidências extranhas: o clube dos «leões» finalista em dois campeonatos nacionais do ano, sofreu em ambos da insuficiente competência dos juízes escolhidos.

O campeonato de handball, organizado pela primeira vez entre os vencedores das provas regionais de Lisboa e Pôrto por iniciativa da recem-criada Federação, colocou frente a frente o Foot-ball Clube do Pôrto e o Grupo Desportivo «Os treze», êste último que conseguiram a proeza de interromper a série já clássica de triunfos sportinguistas.

Finalmente, o hockey em campo, cuja prática se encontra por assim dizer resumida à região de Lisboa, viveu um torneio insosso e absolutamente despercebido do público, no qual as probabilidades de êxito se dividem, no momento em que escrevemos esta crónica, entre o Football Benfica e o Sport Lisboa e Benfica. Esta é, das três modalidades referidas, aquela que menos tem progredido e menores raízes conseguiu criar no meio.

Seria, no entanto, utilíssima a propaganda e a divulgação dêstes jogos, como derivativo ao exclusivismo reprovável das paixões pelo football; dividir as preferências do público, oferecendo-lhes objectivos diversos seria uma hábil manobra de política desportiva, digna de merecer a atenção dos dirigentes responsáveis pela cultura do povo.

Todos se queixam de ser o football o único espectáculo de receitas compensadoras, mas orientado num sentido tão dispendioso, que as suas exigências absorvem por completo os benefícios que proporciona; afinal, os culpados são os próprios queixosos, em regra os dirigentes clubistas, que por fraqueza de ânimo pactuaram com o gôsto do público, quando deviam ter empenhado os seus esforços no sentido de lhe dar a conhecer e a apreciar outras modalidades concorrentes.

É da competição que nasce o desejo de aperfeiçoamento e da rivalidade a convenência, de melhoria; sem uma e sem outra não há progresso possível.

■

A Quinzena da Natação, que coincidiu com a quinzena a que esta crónica se refere foi uma iniciativa felicíssima do nosso colega «Os Sports» que deve contribuir eficazmente para a propaganda e prática do mais útil dos desportos em todo o território do país.

Os nadadores e nadadoras reünidos por aquele jornal, e que durante quinze dias percorreram Portugal de sul a norte, em exibições diárias nos pontos mais diversos, em muitos dos quais a natação desportiva era desconhecida em absoluto, fôram de facto excelentes embaixadores, pregando pelo exemplo a beleza e o aprazimento do desporto da água.

A visita da caravana lisbonense foi demonstrar a muita gente que não é necessário dispor dum Tejo ou do Oceano para nadar; antes pelo contrário, a natação desportiva aproveita muito melhor os pequenos rios, os tanques ou as piscinas sempre fáceis de construir em qualquer povoado, até no coração do tórrido Alentejo, como sucede na sêca cidade de Beja.

É também curioso registar a quantidade apreciável de piscinas aproveitáveis existentes na província, e que não são utilisadas apenas por incúria ou por indiferença; além de Beja, chemos a Covilhã, o Gerez, a Curia, etc.

A equipa de Sporting, formada por Silvério, Rodrigues, Cidade e Duarte ora posa por 17 segundos o record nacional de estafeta 4 × 100 metros

As exibições realizadas por iniciativa de «Os Sports» encontraram por tôda a parte excelente acolhimento e é de esperar por seu intermédio óptimos resultados para futuro. Entre a gente moça, as evoluções airosas dos «tritões» e «ondinas» visitantes vai despertar certamente um animador espírito de imitação; se houver alguém que saiba aproveitar e gular os resultados hão-de corresponder ao objectivo dos organizadores da Quinzena da Natação, e seria curioso averiguar dentro dum ano, nas terras os seus componentes se exibiram, quantos indivíduos aprenderam a nadar.

■

A actividade do ciclismo, apesar da modificação moralizadora dos regulamentos no capítulo das classificações dos corredores, anuncia-se fraca e não conseguiu ainda acordar o entusiasmo popular que há dois anos fervia ainda a cada competição em estrada.

A culpa dêste estado de coisas cabe exclusivamente aos dirigentes, cuja incapacidade realizadora vem desde longe demonstrada e se mantêem, contudo, nos mesmos postos governativos com o voto complacente dos clubes praticantes.

O problema é complexo e melindroso para que dêle nos possamos ocupar pormenorizadamente numa crónica de apreciações gerais, como esta é; a federação ciclista sofreu há meses grave precaíço de ordem económica, que não houve a coragem moral de escalpelizar como era conveniente, e todos os embaraços e combinações posteriores são consequência inevitável dêsse pacto.

Peja segunda vez consecutiva ficaremos êste ano privados da Volta a Portugal em bicicleta, o acontecimento máximo do desporto nacional, a prova que durante duas semanas absorvia em absoluto tôdas as atenções dos portugueses; numa entrevista concedida à revista «Stadium», o organizador da Volta expoz desassombradamente as razões do facto, filiadas ainda na insuficiência dos dirigentes unionistas que embaraçam a acção alheia para que outros não realizem aquilo que êles são incapazes de levar por diante. Protestos em contrário, podem iludir os incautos; mas nós, que sempre acompanhamos intimamente a preparação e o curso das últimas Voltas, sabemos bem da sua nula validade, e onde uns e outros querem chegar.

Aparentemente, em declarações públicas e indicação de delegados para acompanhar o passeio e deixar o trabalho para os outros, sempre foi pródiga a U. V. P.; mas em especular êsses esforços e sacrifícios também houve sempre cuidados especiais.

■

As competições do atletismo, dentro do modesto valor da especialidade entre nós, são aquelas que até agora nos deixam melhor impressão. Embora a concorrência aos torneios oficiais tenha sido diminuta, de molde a autorizar a afirmação categórica de que é muito menor o número actual de praticantes a classe média dos que compareceram subiu apreciàvelmente e de entre êles os melhores superaram com nitidez as proezas dos seus predecessores.

A classe feminina da «Associação de Sport Lisboa e Benfica», dirigida pelo professor Carvalho, que não pôde marcar-se na competição pròlongadamente

O grupo de raparigas do Sporting e do Benfica que tomaram parte nos campeonatos de atletismo

O melhoramento de dezoito «récords» nacionais no decurso da época é argumento suficiente para fundamentar êste critério, acrescendo que a maior parte dêles foram estabelecidos em Lisboa, onde não existe uma pista capaz de valorizar o esfôrço dos atletas.

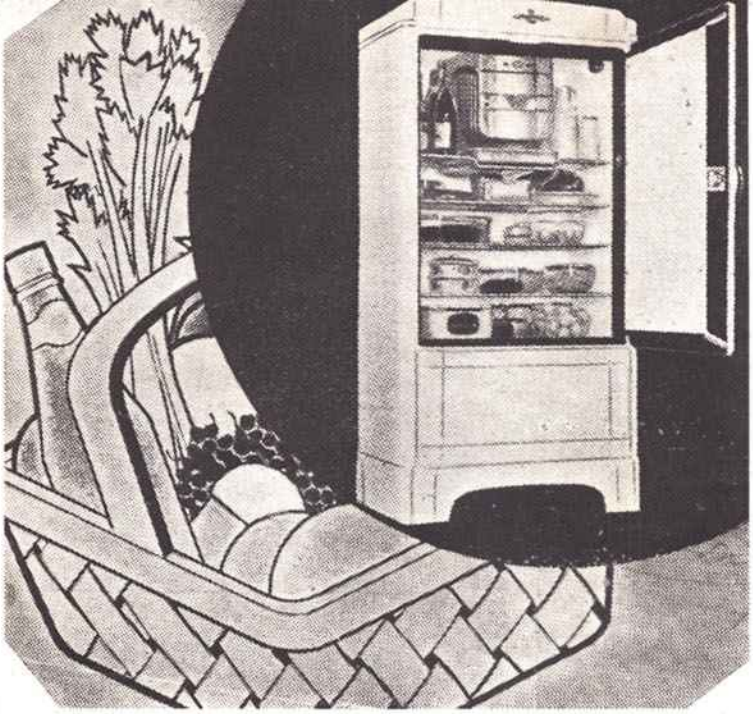
Comprovou-se no entanto, o que há anos vinha afirmando: é preferível correr sôbre o terreno duro do Estádio do Lumiar a utilizar a pista fràvel do Campo das Salésias, onde os pés não encontram ponto de apoio suficientemente sólido para sacar rendimento do trabalho de impulsão muscular.

Não pode considerar-se ainda terminada a época de atletismo, que se estenderá em torneios de organização particular até final do mez de Agosto corrente, mas duma análise geral dos concursos realizados, realça a fórma excional do corredor João Ferraria, do Académico portuense, que se assenhoriou brilhantemente dos «récords» dos 800 e 800 metros, e a proeza da equipa do Sporting lisboeta, melhorando os tempos nacionais de cinco estafetas, dos sete que figuram na tabela oficial.

O feito atesta um valor de conjunto nunca verificado em clubes portugueses, e é a justa recompensa dum trabalho persistente e metódico.

A derradeira referência, — porque os últimos serão os primeiros —, para as provas femininas de atletismo êste ano oficializados com extraordinário êxito. As senhoras portuenses, melhor e mais largamente preparadas, levaram a melhor de maneira absoluta no confronto com as representantes do capital, na sua quási totalidade estreantes de ocasião.

SALAZAR CARREIRA.



A Exposição do Frio no Salão Tivoli

A todos os títulos deveras interessante a Exposição do Frio que, por feliz iniciativa das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, se está realizando no Salão Tivoli, com tal interesse que já foi prorogado o praso da sua duração primitivamente marcado.

Tem-se constatado que o uso do frigorífico se vai generalizando entre nós, como aliás por tôda a parte, convencido que vai estando o público que êle constitui um primordial elemento de um bom estado sanitário, visto que muitas enfermidades, e algumas graves, que atacam adultos e menores, provêem do mau estado de conservação dos géneros alimentícios. Estão portanto bem manifestas as suas vantagens por conservarem sempre frescos e inalteráveis o leite, ovos, carne, peixe e frutas, permitirem que se adquiram êstes géneros em maiores quantidades, economizando-se assim tempo e dinheiro, e tudo isto a trôco de alguns centavos diários que mais não alcança o consumo da energia eléctrica necessária ao seu funcionamento.

A Exposição do Frio constitui indubitàvelmente um valioso ensinamento comprovado pelo facto de se terem vendido algumas dezenas de frigoríficos de várias marcas expostas, o que demonstra também que vai desaparecendo o errado critério de ser o frigorífico um objecto de luxo, como tal inacessível às classes mais modestas, graças às vantagens temporárias agora oferecidas.

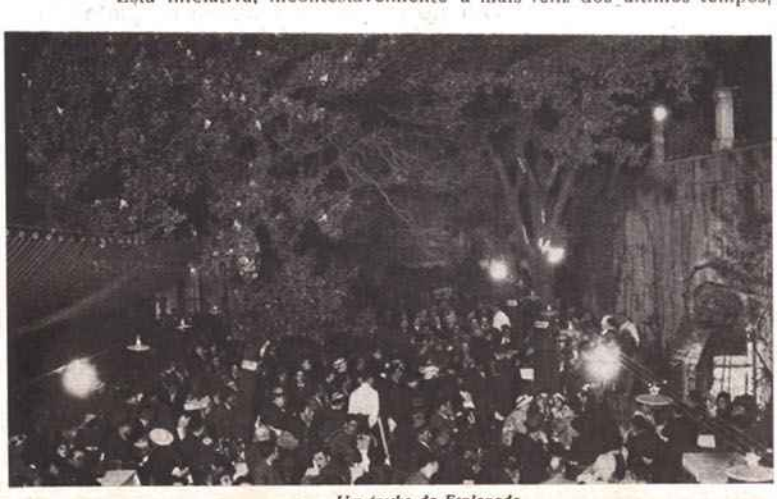
Deve ter-se sempre bem presente que se protege eficazmente a nossa saude preservando do calor, por meio de um frigorífico eléctrico, todos os alimentos, e que se deve aproveitar esta oportunidade da Campanha do Frio para se adquirir um dêstes aparelhos. Visitem ainda a Exposição do Salão Tivoli, prestes a terminar, examinem bem de perto os que lá se encontram e informem-se das vantajosas condições da sua aquisição durante esta campanha organizada e realizada pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

Vai encerrar-se dentro de breves dias esta Exposição do Frio que, pode afoitamente afirmar-se, constituiu uma verdadeira revelação, pois os que por lá teem passado tiveram oportunidade de verificar as assinaladas vantagens do uso do frigorífico que, longe de ser um aparelho próprio da época de verão, deve ser utilizado permanentemente, por isso que as suas principais características, entre as quais avulta a da conservação perfeita das substâncias alimentares, fazem sentir os seus benéficos efeitos em qualquer altura do ano.

O Retiro da Severa

Excedeu em muito as mais optimistas previsões o êxito sem precedentes alcançado pelo Retiro da Severa instalado, como se sabe, ao fundo da rua António Maria Cardoso, no edifício onde esteve, por largos anos, a Cervejaria Jansen.

Esta iniciativa, incontestàvelmente a mais feliz dos últimos tempos, conseguiu vencer em tôda a linha por isso que durante a última quadra de inverno teve uma freqüência sempre crescente, recrutada nas melhores camadas da nossa Sociedade e de tal forma se tornaram interessantes as funções ali realizadas que a Emissora Nacional passou a inscrevê-las nos seus programas e alguns diários de Lisboa a publicar ameudadas vezes a relação dos assistentes que continham os nomes de várias famílias da mais autêntica aristocracia.



Um trecho da Esplanada

Chegou a época do verão e o Retiro da Severa passou a funcionar na sua Esplanada que dá sôbre a rua do Alecrim, recinto amplo e bem arbonizado, com uma iluminação perfeita, dispondo de curiosos efeitos de luz para os vários espectáculos a efectuar, e nas festas ultimamente levadas a efeito poude constatar que as suas numerosas mesas continuam concorridíssimas e da mesma escolhida assistência. Tem ainda a vantagem de, quando o tempo se apresente irregular, poder transferir as funções anunciadas para o Salão.

Se os espectáculos que propociona são sempre apreciadíssimos, não é menos certo que o seu Bar e Restaurante primam pelo inexcedível serviço que apresentam, jantares e almoços diàriamente e banquetes de homenagem como os que ali se têm já realizado.

O incontestável êxito do Retiro da Severa justifica-se ainda pelo extremo cuidado na elaboração dos seus programas e acertada escôlha dos artistas que os executam os quais, por contrato recentemente feito, se tornaram privativos desta Empresa. Foi realmente notável a época de inverno, mas tudo indica que a de verão a suplantará, proporcionando aos lisboetas e forasteiros tardes e noites deliciosas na sua Esplanada, incontestàvelmente um dos pontos de mais agradável temperatura em Lisboa, que dispõe ainda de um vasto terreno anexo para uso exclusivo dos automóveis dos seus clientes.

Ainda recentemente, há apenas alguns dias, poude o Retiro da Severa constatar o prestígio de que se está revestindo no assinalado sucesso alcançado pela sua Embaixada do Fado que, no Teatro Sá da Bandeira, o mais categorizado do Pôrto, deu algumas funções com um exito verdadeiramente sem precedentes, a que largamente se referiram os principais jornais da capital do Norte, que puzeram em relêvo a circunstância de se ter esgotado a lotação dêste teatro em tôdas as noites que ali se apresentou.

Sociedade Insulana de Transportes Marítimos

Na Praça Duque da Terceira, tornejando para a rua Bernardo Costa, inaugurou-se recentemente a Agência Marítima desta Sociedade que tem a sua séde no 2.º andar do n.º 24, da mesma Praça.

Instalação de linhas modernas e elegantes que muito veio embelezar aquele local, apresenta nas suas seis amplas vitrines, três de cada lado

A séde da Agência Marítima

por meio de folhetos, cartazes coloridos, fotografias elucidativas e maquetes, os mais típicos aspectos dos vários países servidos pelas linhas de navegação da Hamburg-Amerika Linie e Deutsche Afrika-Linien de que a citada Sociedade é agente entre nós.

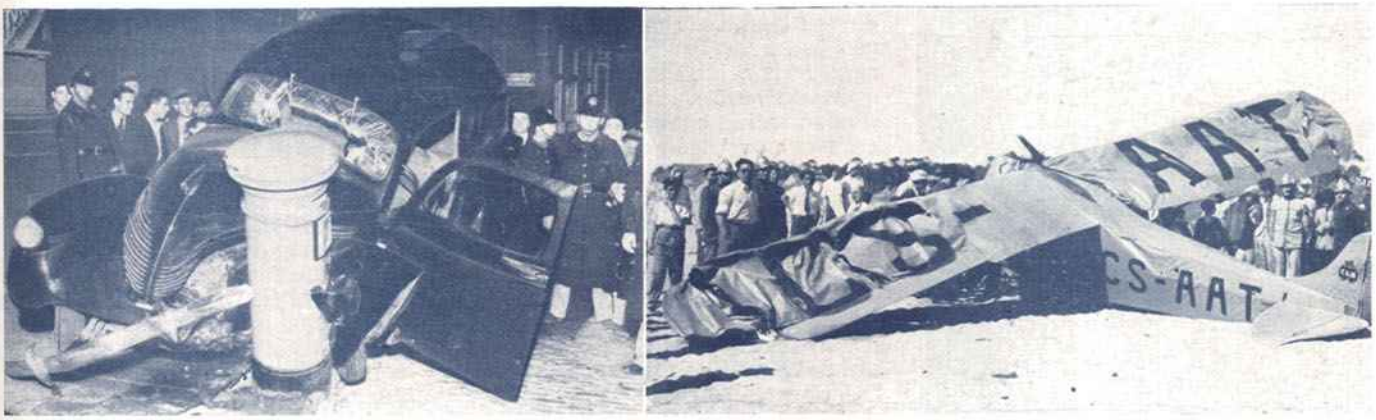
Coincidiu esta inauguração com o nonagéssimo aniversário da primeira destas Companhias, fundada em Hamburgo em 1847, que conseguiu alcançar o primeiro pôsto na importantíssima frota comercial alemã, a despeito das graves crises sofridas, nomeadamente a que resultou da Grande Guerra.

São hoje realmente importantes as suas relações com o nosso País, não só pelas suas carreiras com a América do Sul, com escala por portos nossos, mais ainda porque, estando a desenvolver progressivamente as suas excursões e cruzeiros através do mundo inteiro, realizados em excelentes paquetes, já muitos dêles tocam em Portugal, proporcionando aos nossos conterrâneos o ensejo de tomarem parte nessas interessantes viagens que se efectuam em belas condições de comodidade, confôrto e economia.

A nova Agência está também habilitada a servir-nos as da carreira aérea da Lufthansa que, em rápidos, confortáveis e, sobretudo seguros, aviões, nos transportam a Berlim, onde chegam no próprio dia da partida, com escalas por Burgos, Marselha, Génebra e Stutgart.

Na época de verão que estamos atravessando devem ser para muitos interessantes estas considerações, e por isso mesmo de aconselhar uma visita a esta nova instalação onde se facultam tôdas as informações concernentes aos vários serviços e diferentes modalidades de tôdas estas viagens.

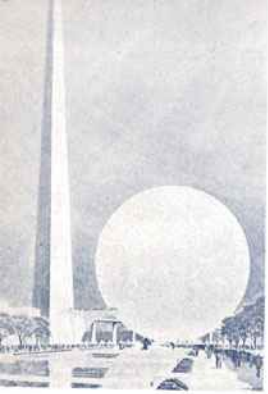
NOTAS DA QUINZENA



Aspecto dum desastre de viação no Porto. Um automóvel, em carreira desordenada, desceu a rua 31 de Janeiro, e, atravessando a Praça da Liberdade, foi de encontro a um marco postal, depois de haver galgado a coluna de um posto de sinaleiro. Isto demonstra o perigo que existe em se fazer das ruas de uma cidade pistas de corrida. — *Á direita:* Uma avioneta do Aéro-Clube do Porto que caiu na Praia de Francelos, salvando-se os seus tripulantes

O sr. Presidente da República visitando a I Exposição Teatral Portuguesa, inaugurada no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, e que constituiu um verdadeiro acontecimento. A comissão organizadora, de que fazem parte os srs. coronel Pereira Coelho, dr. Jorge de Faria, Lino Ferreira e dr. Rodrigues Cavalheiro, foi verdadeiramente incansável. — *Á direita:* Um aspecto do banquete de homenagem aos automobilistas Vasco Sameiro e Almeida Araujo.

Um aspecto da assistência à missa campal na Avenida dos Aliados, no Porto, em acção de graças por ter ficado ileso do odioso atentado de que foi alvo o sr. Presidente do Conselho. A cerimónia constituiu um imponentíssimo espectáculo de exaltação patriótica, tendo presidido o prélado da diocese. O cónego dr. Correia Pinto entusiasmou a multidão que o escutava, enaltecendo a vida e a obra do dr. Oliveira Salazar. — *Á direita:* Os estudantes do Cruzeiro Colonial à Metrópole assistindo na Sociedade de Geografia à sessão solene de despedida



A entrada da Exposição

Os americanos tiveram sempre uma tendência especial para as feiras que, valha a verdade, constituiu para êles um negócio desde longa data. Em todas as grandes feiras americanas o parque de diversões tinha um papel importantíssimo como factor de atracção e distracção. Quási sempre, o parque ficava localizado em redor de uma avenida principal, donde partiam numerosas ruelas em que eram estabelecidos quiosques de importância secundária e reputação equívoca.

Assim, a Feira de Chicago teve a sua bailarina de leques — a formosa Sally Rands que empolgava os visitantes com os volteios da sua dança e as formas impecáveis do seu corpo. Na Feira de San Diego da Califórnia, a grande surpresa consistia na colónia de nudismo com encantadoras rainhas de beleza. Outras feiras procuraram destacar na sua publicidade divertimentos e atracções mais ou menos parecidas.

No entanto, a Feira de Nova York, a realizar em 1939, segundo as declarações do seu presidente, sr. Grover Whalen, não terá nada dessas coisas. A área de mais de cem hectares, reservada ao parque de diversões, será cortada por uma ampla avenida, que percorrerá o recinto, em forma oval, até desembocar de novo na avenida central da Feira. A capacidade dêsse parque será para 250 mil pessoas em qualquer tempo, e a avenida, percorrendo o parque, abrangerá duas milhas de extensão. Mais de 500 concessões contribuirão com variadíssimas diversões para deleite dos visitantes que de todos os pontos do Mundo afluirão á Feira Mundial de Nova York. Os teatros de variedades, cinemas, estádios e prados á margem do Lago Meadows se estenderão por duas milhas. No mesmo Meadows Lake poderão ser realizados toda a sorte de desportos aquáticos. As diversões infantis não foram esquecidas, havendo coisas bem interessantes entre as quais a "Feira Especial em Miniatura», e outras surprezas agradáveis para delícia da petizada.

Consta também do programa a realização de festas especiais em homenagem a determinados povos e nações, bem como outras dedicadas a comemorações cívicas de caracter internacional.

Segundo os cálculos feitos, 23.000 poderão encontrar franco estacionamento dentro da área de diversões. A iluminação do parque será disposta de molde a combinar a luz, em seus vários tons, com o som e os efeitos aquáticos, e de forma tão vistosa que ficará lembrado como uma das grandes maravilhas desta Feira.

Contudo, é preciso observar que, conforme frizou o sr. Grover Whalen, as diversões, embora cuidadosamente preparadas, exercerão papel acessório, ficando a parte principal para a exibição das artes e da indústria, que é o verdadeiro fim da Exposição.

Aspecto do Parque de diversões

INICIATIVA AMERICANAS

A feira Mundial nova York em 1939

O comércio, a indústria e as ciências, como factores de primeira grandeza na civilização dos povos, terão o primeiro lugar nesta exibição internacional. Com a colaboração dos próprios expositores, da ciência e da indústria que indicarão a esta geração a nova trilha a seguir no futuro — *O Mundo de amanhã* — o parque de diversões oferecerá atracções fóra do comum em concepção, tamanho e surpresas, ao lado do tipo convencional de teatros e cinemas e dos estadios para desportos de toda a classe.

Para produzir um efeito novo e diferente, a Feira Mundial de Nova York não principiará com a "Avenida Central» tão comum a todos os parques de diversões, tanto nas Américas, como no resto do mundo, incluindo as feiras do Rio de Janeiro e S. Paulo, no Brasil. Esta "via central» não será permitida em Nova York, preferindo-se-lhe uma avenida ampla que, em forma dum laço desemboca no parque de divertimentos, saindo da artéria principal das "Exibições Industriais», para voltar novamente á sua fonte original. Desta maneira, a multidão, depois de peregrinar pelos vários pavilhões, para descansar um pouco, ou para tomar alguma refeição nos numerosos restaurantes do parque, encontrará um escoadouro natural na própria Feira, com saída, através das numerosas ruas para alcançar o *subway*, os comboios os carros eléctricos e as barcas que os levarão a Manhattan, o centro de Nova York.

Ha na América do Norte uma Associação dedicada exclusivamente ao comércio de equipamento para os parques de recreio e diversões que já organizou o seu comité para conceber e criar novidades para a Feira Mundial. Novas invenções contribuirão para surpreender os adultos e entusiasmar as crianças. Dentro do parque de diversões o visitante poderá dar a volta ao mundo assistir a rodeios de "Wild-West», viajar em carros foguetes, patinar no gelo, visitar aldeias típicas dos mais interessantes países, comer as mais variadas iguarias em restaurantes de todas as nações, passear de bote, ou de lancha a gasolina, ou — simplesmente fazer a sésta nos belos prados, á sombra de arvores frondosas, que darão um aspecto bucólico ao parque.

Nos planos de construção estão sendo tomadas todas as providências de molde a uniformizar o padrão e o tipo de arquitectura bem como da iluminação, afim de produzir um conjuncto de côres que não venha a chocar o visitante, como acontece geralmente. O colorido será produzido mais vantajosamente por efeitos luminosos, para destacar certos edificios e aumentar o aspecto brilhante e festivo durante a noite.

No lago haverá um palco, ou melhor, um anfiteatro á beira da água, com a capacidade para muitos milhares de espectadores. Nêsse palco, que será de dimensões enormes, aparelhado eficientemente para atender a qualquer género de representação, ficará concentrado o programa de festas típicas da Feira. Será construido no fundo do lago, pelo Estado de Nova York, orçando o seu custo em $1.600.000.

Não muito distante do anfiteatro e, sempre á margem do Meadows Lake, haverá um bosque grandioso e, em seguida, belas planícies, cobertas de relva, para pic-nics, exibições equestres, caninas, futebol, etc.

A Feira será aberta sòmente em princípios de 1939.

Os desportos terão um destaque especial nas diversões da Feira Mundial, e deverão ser feitas as mais importantes demonstrações em todos os ramos.

A gravura que publicamos reproduzindo o Parque de diversões, segundo a concepção do desenhador da Feira, dá uma ideia do seu aspecto geral. Fica, como se vê, situado de forma a incluir e cercar o Meadow Lake. Na extrema esquerda, fica o Mundo das crianças, um grande anfiteatro, confrontando, ao lado direito, com um grande estádio e um Restaurante de Extravagâncias.

Um *gesier* artificial levantar-se-á, de quando em quando no centro do lago, em cuja superfície se realizarão corridas de hiates e outros desportos aquáticos.

A Estátua a Liberdade

Em forma dum laço, uma grande avenida dará acesso ao parque de diversões com as suas numerosas ruas e travessas. A beira do lago há vários clubs de regatas, restaurantes, um navio teatro, e uma aldeia veneziana.

A secção entre o anfiteatro e o Metropolitano Independente com o seu terminal (alto á esquerda) será tomada por teatros, restaurantes, cinemas, e outros edifícios.

Nos prados perto do lago haverá exibições equestres, rodeios e coisas semelhantes, inclusive futebol. Mais adiante fica um restaurante Epicureo e o edificio central para os expositores, que ali montarão os seus escritórios. O resto desta área será conservada em forma de parque para descanso dos visitantes e para "pic-nics».

Além dos países europeus que deram já a sua adesão a êste imponente certame as nações do Extremo Oriente mostram-se também muito interessadas.

O príncipe Chichibu, irmão mais jóvem do Imperador do Japão, mostrou-se muito entusiasmado quando, recentemente, visitou Nova-York. A sua opinião foi de que o seu govêrno tomaria parte saliente na Exposição. A China e as Filipinas estão em contacto com os directores da Feira, e o Presidente Manuel Quezon, na sua visita recente, discutiu planos com o sr. Whalen. As Ilhas Hawaii pretendem dedicar a soma de $300.000 para um pavilhão especial.

Ao todo, 37 países dos 59 convidados pelo Presidente Roosevelt já indicaram o seu desejo de participar.

Esta exposição internacional tem por princípio de que tôdas as nações, não importa qual o seu tamanho, ou a sua importância, deverão ter uma oportunidade igual para exibir os seus produtos e os serviços que podem prestar, num serviço inteligente para aumentar a prosperidade dos seus povos e promover o seu desenvolvimento económico.

Altos funcionários de govêrnos da América e do resto do mundo já declararam que esta reünião mundial contribuirá mais para estreitar os laços de amizade entre os povos do que uma série de conferências de paz e de desarmamento.

"É um factor inspirador — disse o Presidente Roosevelt aos promotores da Exposição — de que as nações e as comunidades tenham tão altos objectivos, de que unam as suas energias numa avaliação dos seus esforços, e que façam corajosamente planos para o futuro».

A aviação entrará também com uma dose de sabor internacional. Howard Hughes, o aviador de fama internacional, tendo sido nomeado o conselheiro aeronáutico da Feira, ficará em contacto com azes da aviação, os fabricantes e desenhistas de aeroplanos aqui e no estrangeiro, e tratará de reünil-los na Exposição.

Na frente doméstica as cousas estão-se desenvolvendo ràpidamente. O edifício da administração, um dos edifícios de maior importância na Feira, estará terminado dentro de poucos meses. A campanha financeira para a venda de $27.829.500 de valores da Exposição, está prestes a ser encerrada com grande êxito. O Congresso dos Estados Unidos está elaborando uma lei de participação federal na importância de $3.000.000, e um Edifício Internacional para as exibições dos govêrnos estrangeiros será levantado com êstes fundos. O Estado e a cidade de Nova York votaram $2.200.000 e $1.200.000.

O Palácio das Comunicações

Casamento da sr.ª D. Maria do Carmo Cardoso d'Orey, gentil filha da sr.ª D. Helena Calvet de Magalhães Cardoso d'Orey e do sr. Valdemar Jara de Albuquerque d'Orey, com o sr. Jorge Pinheiro de Melo (Arnoso), filho da sr.ª Condessa de Arnoso e do falecido sr. Conde de Arnoso, celebrado na capela dos srs. Condes da Póvoa, irmã e cunhada do noivo, à rua do Sol, ao Rato

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No «Parque das Laranjeiras»

A favor da Cruz Vermelha Espanhola e da Cruzada D. Nun'Álvares Pereira, e levada a efeito por uma comissão de senhoras da colónia espanhola e da nossa primeira sociedade, iniciou-se com extraordinário brilhantismo na noite de 17 de Julho, último, e prolongou-se até ao fim do mês no magnífico Parque das Laranjeiras, á Estrada de Bemfica, uma «Verbena Sevilhana» em que além dos divertimentos que são de uso nestas festas populares, houve cantos e bailados por um grupo de artistas espanhois e portugueses, que gentilmente se prestaram a animar essas festas de caridade.

O vasto Parque das Laranjeiras, cedido pela família do sr. Conde de Burnay, foi sem dúvida alguma durante essas noites o ponto de reunião preferido não só pela nossa primeira sociedade, como também por todo o público em geral, que com a sua presença deu imenso realce a essa encantadora «Verbena».

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto mundano, como artístico e financeiro.

Festa elegante

Organizada pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, realizou se na noite de 6 de Julho último na magnífica esplanada do «Retiro da Severa» a sua festa anual dedicada pela gerência desse centro de diversões sr. José Jorge Soriano, que elaborou para essa noite um esplêndido programa em que tomaram parte os cantadores privativos da casa, Maria Emília Ferreira, Maria do Carmo Torres, Adelina Silva, Alberto Costa, José Profírio, Manuel Calisto, e Júlio Duarte, que se fizeram ouvir nos melhores números do seu vasto reportório, e a notável artista Hermínia Silva, a mais castiça de tôdas as artistas do nosso teatro musicado, que em atenção ao festejado Vasconcelos e Sá, deliciou a selecta assistência, cantando vários números do seu reportório, a quem o público não regateou aplausos, sendo os acompanhamentos feitos pelos guitarristas Armandinho e José Marques e pelos violas Santos Moreira e Abel Negrão.

Na assistência recorda-nos ter visto em redor das pequenas mesas, entre outras, as seguintes pessôas:

Conde de Seisal, Conde de Castelo Branco, Condessa de Pinhel, Visconde e Viscondessa de Tojal, General Aguiar e D. Idalina Alda de Oliveira Aguiar, Brigadeiro Arnaldo de Melo e D. Beatriz Braga de Melo, Jaime de Vasconcelos Thompson, Pedro Silva e D. Palmira da Costa e Silva, Dr. Carlos de Carvalho e D. Ernestina de Magalhães Monteiro de Carvalho, Manuel Fonseca e D. Fanny Fonseca, António de Sousa Rêgo e D. Alice da Fonseca de Sousa Rêgo, Comandante Silva Monteiro e D. Maria das Dôres da Silva Monteiro, Dr. Francisco Homem de Melo e D. Antónia Homem de Melo, Vítor Cordier e esposa, António Gomes Barbosa, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, Capitão Maia Loureiro e esposa, José Iglezias Viana, Comandante Moreira Pinto, D. Lourinda de Melo da Silva, José de Melo Vieira e esposa, Manuel Ortigão Burnay e sobrinha, D. Maria Correia da Silva, D. Noémia Correia da Silva Atalde Tavares, D. Maria Julieta da Costa e Silva, José Penha Soleiro e D. Noémia Rodrigues Soleiro, D. Emília Broderode Smith, Tenente Ferreira, Dr. Francisco Pereira, Carlos Montinho de Almeida, D. Albertina Moutinho de Almeida e filha, D. Alda da Fonseca Soriano e filha, D. Estefânia da Fonseca, D. Amélia de Serra e Moura, Chianca de Garcia, João Infante da Câmara de Trigueiros Martel (Castelo Branco), Artur Duarte, Ruy Franco, Fernando de Macedo, D. Julieta Pereira da Silva, Oliveira da Silva Pais, Miguel Rodrigues, Sena Martinez, D. Amélia Galveas Mendes e filha, D. Preciosa Sousa Saraiva e filha, D. Maria e D. Carmen Penha Soleiro, Orestes Fontes, Avelino de Sousa, etc., etc.

Casamentos

Celebrou-se com extraordinário brilhantismo na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Helena Franco Bebiano Correia, gentil filha da sr.ª D. Silvia Franco Bebiano Correia e do sr. dr. António Bebiano Correia, já falecido, com o sr. dr. Ulisses Cortes, secretário geral do Ministério da Justiça, filho da sr.ª D. Arminda Cortês e do sr. Manuel Cortês, tendo servido de padrinhos por parte da noiva sua mãe e seu tio o sr. José Correia de Carvalho e por parte do noivo o sr. dr. Manuel Rodrigues, ilustre ministro da Justiça e sua esposa, a sr. D. Maria do Rosário Rodrigues, presidindo à cerimónia Sua Excelência Reverendíssima o sr. Arcebispo de Metilene, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, á Avenida Almirante Reis, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para o estrangeiro.

— Para seu filho Guilherme, distinto clínico, foi pedida em casamento pela sr.ª viscondessa de Alvelos, a sr.ª D. Maria de Lourdes de Melo e Castro Esteves Brito, notável pintora e interessante filha da sr.ª D. Maria Campeão de Melo e Castro Esteves de Brito, já falecida e do sr. Diniz de Melo e Castro Esteves de Brito, devendo a cerimónia realisar-se brevemente.

— Na paroquial de S. Vicente, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Leonor Pinto de Magalhães, gentil filha da sr.ª D. Júlia Pinto de Magalhães e do sr. António Pinto de Magalhães, com o sr. Carlos Berkeley Cotter, filho da sr.ª D. Gualdina Martins Cotter e do sr. Guilherme Berkeley Cotter, servindo de madrinhas as sr.as D. Judite Bueno y Martins e D. Alice Martins Rosa e de padrinhos os srs. Clemente Victor Manuel Bueno y Martins e Augusto Carlos Rosa.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pela sr.ª D. Anastácia Gomes, foi pedida em casamento para seu filho Elizio Duarte, a sr.ª Adelina Albuquerque Ramos, interessante filha da sr.ª D. Judite Albuquerque Ramos e do sr. Joaquim Pereira Ramos, devendo a cerimónia realisar-se ainda este ano.

— Na Trafaria celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Maria Gertrudes Martins Miranda, gentil filha da sr.ª D. Mariana Rosa Martins Miranda e do sr. António Rodrigues Miranda, com o sr. António Antão da Silva Junior, filho da sr.ª D. Júlia do Rosário Silva e do sr. António Antão da Silva, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria Amélia Frazão Martins, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Francisco Martins, sendo o acto presidido pelo prior da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, na Trafaria, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Para o sr. Raúl Amandio Ferreira, filho da sr.ª D. Adelina Sousa Ferreira, já falecida e do sr. João Maria Ferreira, foi pedida em casamento por seu irmão o sr. Henrique Carlos Ferreira, a sr.ª D. Emília Mascarenhas da Silva, interessante filha da sr.ª D. Eliza Marcarenhas da Silva e do sr. Alfredo da Silva, devendo a cerimónia realisar-se no próximo ano.

— Celebrou-se na paroquial dos Anjos, presidido pelo reverendo Esteves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução o casamento da sr.ª D. Aida da Silva Mateus, gentil filha da sr.ª D. Adelaide Andrade Silva Mateus, e do sr. António Maria Rosa Mateus, com o sr. Fernando José de Magalhães, filho da sr.ª D. Leopoldina Magalhães e do sr. José Magalhães, endo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Henriqueta Oliveira Mateus e D. Maria Furriel e de padrinho o pai da noiva e o sr. Eduardo Furriel.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Primorosa», seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Abílio Salreu, filho António, a sr.ª D. Maria Júlia Pimenta Araujo, interessante filha da sr.ª D. Lídia Pimenta Araujo e do sr. Alfredo Pimenta Araujo, devendo a cerimónia realisar-se por todo o próximo ano.

— Presidido por Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado pelos Cónegos Delgado e Algel, celebrou-se na capela da Quinta de S. Vicente, perto de Ferreira do Aletejo, residência da sr.ª D. Matilde Guedes de Vilhena de Maldonado Pessanha, e do sr. D. Diogo Afonso Maldonado Passanha, o casamento de sua gentil filha D. Maria Ana, com o sr. António José de Almeida Braancamp de Melo Breyner (Sobral), filho dos srs. Condes de Sobral, tendo servido de madrinhas as sr.as Viscondessas de Messangil e D. Adelaide Guedes de Vilhena de Andrade e de padrinhos os srs. Marquês de Lavradio e Manuel Braancamp de Melo Breyner (Sobral). Sua Santidade dignou-se enviar ao noivos sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza do palacete da Quinta de S. Vicente, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para Cascais, onde vieram fixar residência.

— Para seu sobrinho o tenente sr. Cândido da Silva Simões de Carvalho, foi pedida em casamento pelo sr. José Maria Guitton, a sr.ª D. Maria Cândida David da Silva, gentil filha do sr. Cândido David da Silva, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso no Funchal, dando à luz uma criança do sexo masculino, a senhora D. Maria Vera de Faria Rebelo Reis Gomes, esposa do sr. dr. Alvaro da Câmara de Menezes Alves Reis Gomes, distinto advogado e jornalista, da redacção do nosso colega «Diário da Madeira».

Aos pais e avós do recemnascido, nomeadamente a seu avô paterno, o ilustre escritor e académico sr. J. Reis Gomes, as nossas cordeais felicitações.

D. Nuno.

FIGURAS E FACTOS

← O sábio Guilherme Marcóni, famoso inventor da T. S. F. falecido recentemente. — *Ao centro:* o prof. Ch. Weizman, chanceler da Universidade de Jerusalem, Presidente da Organização Sionista Mundial e o futuro Presidente do Estado Judaico. É a figura mais notável do Judaismo contemporâneo

O eminente escritor dr. Samuel Maia, cujo novo livro «Este mundo e o outro» constituiu um retumbante êxito

Quatro aspectos do funeral do governador civil de Lisboa, tenente-coronel João Luiz de Moura. No préstito encorporaram-se alguns milhares de pessoas, patenteando-se assim as enormes simpatias de que o saudoso extinto disfrutava

PÁGINAS FEMININAS

Estamos a chegar à época das férias das praias, das termas e podemos quási dizer à época dos desintoxicados, pelo exercício e pelo sólo ou ar livre. As senhoras que passaram o ano nos seus trabalhos amas e na sua vida de divertimento outros, mais comedidas muitas vezes estas do que aquelas, vão recuperar fôrças e saúde na vida ao ar livre.

Depende muito na escolha do sítio onde fôrem a sua vilegiatura, para que êsse descanso seja eficaz e dê o resultado necessário à vida e ao bem estar físico. É muito para aconselhar às senhoras que passaram um inverno de chás, bailes, teatros e cinemas, que escolham para o seu verão um sítio tranquilo praia ou campo, onde repousem o corpo e o espírito, e onde façam um como que balanço à sua personalidade, que as muitas distracções acabam por dispersar por completo.

Seria uma espécie de roteiro espiritual que acompanharia o repouso que o corpo exige, e, que se ao menos um mês ao ano não fôrem, terá para a saúde as piores consequências, assim como para o espírito.

Para aquelas que tiveram um inverno de preocupações e trabalhos e justamente o contrário, que é preciso. Uma praia onde tenham onde haja vida e animação, distracções que façam esquecer os trabalhos e as responsabilidades que durante meses trouxeram numa condição tensão o espírito e os nervos.

Mas o que é preciso também é que quer num lugar de distracção, haja um contacto grande com a natureza benéfica, de forma a que saúde livre e se readquiram as perdoadas fôrças.

Até agora sempre um lúmiga terível da saúde feminina, que é o mêdo de engordar. E fácil que a mulher deseje conservar a linha esbelta, que a mantém fiscal e atlética, é notável que a obsidade seja tenida como uma doença, que é, mas o que é difícil o inconcebível é esta mania do engrandecimento que atacou a mulher moderna donde-lhe muita vez a aparência duma enfermiça.

Temos senhoras delgadíssimas, de vezes magras de mais, declarando aos quatro ventos, que estão gordíssimas, que pesam 60 gramas mais, essa preocupação de lhes o aspecto de doentes, mas dama triste doença, que é o precaução de pequenas coisas, duma futilidade infantil.

Para que a vilegiatura dê o resultado que o cansaço e o organismo depauperado exigem, é preciso que essas senhoras se alimentem conscientemente, quando digo se alimentem não é, que comam desalmadamente, o que seria igualmente nocivo à saúde, mas sim que se alimentem de forma a que o organismo recupere o equilíbrio perdido.

E sobretudo que evitem os menos um mês essa preocupação, que é uma obsessão da gordura. Façam uma vida higiénica, o mais possível ao ar livre, façam exercício, um exercício sem o cansaço, mas que equilibre os nervos, natação para as que possam fazer, andar a pé que é ainda o melhor desporto, mas andar de maneira a que o organismo se não resinta, começar por um quarto de hora por dia e aumentar pouco a pouco até poder sem cansaço andar uma hora (ir, duas, e fazendo um equilibrado exercício, já não há perigo de ser hoje gordura demasiada, e que o linha deixe de ser esse ideal de esbeltez, que torna a mulher da senhora vítima da elegância.

Nestes meses de repouso é preciso acima de tudo equilibrar a saúde, pois que dela tudo depende e a mulher sem saúde não pode de maneira nenhuma desempenhar o seu papel na vida, papel tão importante que a maioria não o compreende.

A mulher como esposa e como mãe tem deveres tão difíceis o cumprir, como dama de casa e como educadora tem a sua vida tão preenchida, que precisa de ter os seus nervos em perfeito equilíbrio e em de fazer o possível para conservar a sua saúde o melhor possível.

Que importa que a esposa e a mãe tenham cuidado o pêso máximo ideal da mais vaporosa e esbelta estrela de cinema, se com o jejum contínuo a que se obriga, excita os nervos dama maneira, que lhe é impossível desempenhar-se da sua tarefa, e torna a vida um martério para si próprio e para os que a cercam. Bem basta as chorosas que sem nem motivo aparente vão aquelas que a idade traz, e para ter um quilo a menos não cale a pena, ai, mulheres senhoras estragar um tesouro precioso, como é a saúde.

E além disso minhas senhoras, é sapientemente difícil a manta do pêso máximo que actualmente existe. Que se tratem as doentes de obsidade, é naturalíssimo, mas que as pessoas normais ataquem a saúde com naturalidade, e desfiutem a saúde que Deus lhes dá com alegria e sem preocupações.

Que os fórtes sejam pois aliliadas para melhorar a saúde, e, que as balanças sejam abandonadas como objecto inútil e enervante. Aperfeiçoar o bem estar físico, para poder ter um cérebro lúcido e bem equilibrado e levar a vida com o rectidão, que dá o bem estar e a felicidade.

Maria de Eça.

A moda

Nesta época do ano a moda está circunscrita aos vestidos de praia e aos vestidos de noite. Só nas termas e no campo se vestem as pessôas com o «toilette» do costume simplificada e modesta.

É preciso atender a tôdas pois que tôdas necessitam de fazer as suas «toilettes» para seguir o seu destino. Destino que varia segundo o tratamento a fazer.

Que as vilegiaturas, em geral segue-se mais o gôsto e a inclinação de cada pessôa do que propriamente aquilo que a medicina indica para o tratamento da saúde. E' a moda que se impõe também neste assunto como aliás em todos.

E' moda a praia e todos correm para as praias, sem saber se o ar do mar lhes convém ou não. E' moda a montanha e vá de fazer alpinismo, quer o coração o consinta ou não.

Estão na moda as termas e todos recorrem às águas sem saber se elas convêem e depois, toca a falar mal da praia, da montanha ou das águas, sem reflectir, que talvez bem escolhida a vilegiatura fôsse feito bem ao em vez dos dinamica da moda, fôssem ouvidos os conselhos do médico, muito mais para nestes casos em que está em jôgo a saúde.

Mas como estamos aqui para definir a moda e não para a atacar, aqui temos modêlos para todos os gostos e para todos os pontos que seja precisos.

Para a praia um elegante «short» que Iris Adrian estrêla na «Paramount Pictures» exibe nas praias da Califórnia. Em fazenda de algodão xadrez tem na graciosa blusa uma gravata vermelha, como vermelho é também o cinto de couro que segura as calções. Sôbre a blusa um casaquinho largo de manga curta e sôbre as calções do «short» uma saia, que torna esta «toilette» muito prática e usável em qualquer circunstância.

Estas «toilettes» de praia são as que estão agora mais em voga porque variam do eterno «maillot» que se está usando só para o banho nas praias elegantes.

Para as manhãs frêscas temos outro «short» também muito gracioso, usado por Wendy Barrie outra fulgurante estrêla da «Paramount Pictures» calções com «jersey» branco e blusa em malha de lã vermelha com gola branca. Cinto vermelho e branco, «toilettes» em lã são indispensáveis à beira mar onde o clima é sempre inconstante e ameaça continuamente refrescar, sendo necessário a maior cautela para não apanhar um resfriamento.

Para o campo e termas, Betty Furness a linda Betty da «Metro Goldwyn Mayer» dá-nos um elegante modêlo.

Saia em lã azul escura, blusa em crepe branco e sôbre a blusa um elegante e conchegado colete em lã azul escura bordado a lãs de côres as côres.

Sapatos em camurça de tom natural de duas solas e atacados completam esta simples e linda «toilette», do melhor gôsto e mais lindo clássico. Os bordados do colete evocam os costumes regionais típicos, tão belos e de tão fino gôsto.

Mas é preciso não esquecermos de mandia nenhuma os vestidos de noite. Essas «toilettes» em que a mulher redobra de encantos e de beleza. Temos dois lindos modêlos, que têm um saber a antigo na sua excessiva modernidade.

Do pontiagudo ao vestido estamos no ano de graça de 1936 com ligeiras modificações. Um dos vestidos é um «tailleur» côr de laranja, duas filas em veludo preto marcam uma linda cava «tailleur» branco bordado a côr purpura e côr de laranja.

O da esquerda é em tule côr de rosa todo encrustado com medalhões de renda chantilly preta, assente sôbre um «fourreau» em setim rosa muito pálido. E' bem fotísimo gôsto. Aqui lês são criação de Lelong e grande costureiro parisiense que tão delicadamente sabe vestir as elegantes da cidade da luz.

Os penteados duma simplicidade entusiasta repousam-nos do excesso de caracóis e de ondulações. Até nisso regressamos a uma época de simplicidade, que temos de confessar muito relevancem a mulher. E carvemo-nos perante a moda sempre soberana e acabou, nas suas ocultadas ordens.

Coisas curiosas

Está cheio delas o velho mundo e tôdas têm interêsse para quem as sabe observar e delas tirar ensinamentos.

A vidoira mais antiga da Europa, sendo de vinho o mundo, existe na Alemanha em Nickarria. Foi plantada em 1520. Esta videira é um verdadeiro fenomenó, o tronco na base mede um metro e sete centímetros de circunferência e os seus ramos cobrem a superfície de 80 metros quadrados e dá um 120 quilos de uva por ano.

O vinado quando chega a viver 100 anos, o que muitas vezes acontece quando o não caçam, cria no canto dos olhos uma lágrima à maneira de pedra preciosa, à qual se reputa ser um excelente Relicário. Dentro duma dessas lágrimas foi encontrada uma erva-rica verde com tôda a sua frescura e agradável cheiro.

Foi oferecida ao rei Rodolfo II a quem foi dada, como uma coisa maravilhosa e que a despositou entre as singularidades da sua galeria para que fôsse admirada pelos visitantes, como curiosidade que se deve mostrar àquelles que se interessam e sabem admirar as maravilhas da natureza, grandes ou pequenas.

Princesas da História

Na famosa sociedade da Europa era mais simpática e mais brilhante do que a da jovem e linda Maria Carolina de Bourbon, duquesa de Berry. As festas que a princesa dava nos seus salões do «Petit Chateau» como se chamava ao pavilhão de Marsan, um Palácio onde ela habitava, eram-se por um excepcional bom gôsto, da maior elegância.

No carnaval de 1829 como nasta Umbert de Saint Amand, a duquesa organizou um baile de máscaras, que foi, pelo esplendor, pelo número e a categoria dos convidados e espectadores objecto de admiração e das conversações da côrte e da cidade de Paris e o eco espalhou-se por tôda a Europa.

Todos os costumes eram da mesma época e precisamente do quando a Rainha da Escócia, Maria de Lorena, segunda mulher e viúva de Jaime V, que morreu demente em 9 de Setembro de 1513 e era filha de Duque de Guise e já viúva de Luiz de Orléans, foi a França visitar a sua jovem e linda filha de dezanove anos Maria Stuart, Rainha da França e mulher do Rei Francisco II de França.

Foi decidido que Maria Stuart seria representada pela Duquesa de Berry e que o rei Francisco II se faria representado pelo filho mais velho dos Duques de Orléans. O Duque de Chartres, que tinha então dezanove anos e que no ano seguinte devia tomar o título de Duque de Orléans.

Quem diria nessa ocasião à linda princesa Carolina que o trôno de um seguro seria usurpado pelo pai daquele que, ao seu lado, representava o papel de rei, e que ela, casada com Carlos X, na Escócia, teria de habitar êsse castelo de Holyrood onde por tantos anos viveu, gemeu e sofreu a pobre rainha, que ela tanto admirava e a qual tão bem representou nêsse célebre baile.

E a sua côrte como a de Maria Stuart foi um tecido de festas e infelicidades. Linda e bôra como a formosa rainha da Escócia, a calunia não a poupou, velha como ela novíssima, teve também as mais rancorosas inimigas, e, como a rainha da Escócia demonstrou uma coragem marinda o luto desesperadamente na Veneza para colocar no trôno o seu filho, que devia reinar como Henrique V.

Mas a sombra de Maria Stuart de quem se vestiu no célebre baile, trouxe-lhe infortúnio, a memória da desgraçada rainha da Escócia, não é daquelas com que se brinca. A sua desgraça tremenda deve inspirar respeito.

De mulher para mulher

Maricita — É difícil dar conselhos dêsses numa época tão incerta como a actual, posso dizer-lhe que irá ter no combate e ter em Espanha uma sensaboria, aconselha-lho o bôrro, e ter desastre. Se o seu interesse em ir à exposição é muito grande, escolha o que mais lhe agradar e entusiasme-se Providência Divina. Estes conselhos não se podem.

Timida — É não tem ver se uma rapariga timida nasce aos da graça de 1937 que é preciso lembrá-la como coisa preciosa. Deve comprometer-se primeiro a dona da casa e em seguida as outras pessôas.

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 10, 9.
Copas — — — —
Ouros — V. 8.
Paus — R. 9.

Espadas — R. D.	N	Espadas — — —
Copas — 10.	O E	Copas — R. V.
Ouros — 10, 7.		Ouros — 6, 5, 2.
Paus — V. 5.	S	Paus — 8, 7.

Espadas — A.
Copas — A. D. 5.ª
Ouros — 4, 3.
Paus — 2.

Trunfo é copas. *S* joga e faz as vazas tôdas.

Solução

O joga Dama de copas que *S* corta com 3 de espadas.

S joga 4 de espadas e *N* entra do Az de espadas e joga Az, Rei e Dama de paus e 4 de ouros, entrando *S* com Az de ouros e jogando 7 de ouros.

N entra de Dama de ouros e joga Valete de paus que *S* recorta jogando Rei de Ouros e baldando-se *N* a 8 de Espadas.

E tem de cortar e trunfar fazendo *N* e *S* o Rei e o Valete de espadas.

Como os japoneses obtêm as suas árvores anãs

Assim como os chinêses, os jardineiros japonêses, depois de terem escolhido a árvore que desejam tornar anã, põem-lhe sôbre o tronco, e o mais perto possivel do lugar em que êle se divide em ramos, uma quantidade de argila que sustêm envolvendo-a num pano e que regam a miudo para lhe conservar a humidade.

Ás veze, deixam ali ficar aquela massa de terra um ano inteiro e durante êsse tempo, a madeira lança fibras desligadas semelhantes a raízes.

Separam com cuidado o ramo onde essas fibras se formaram e transportam-no para o meio da terra. As fibras tornam-se verdadeiras raízes e o ramo fica sendo o caule da nova árvore. Esta operação, em nada destrói a faculdade de reprodução de que o ramo era dotado antes de o separarem do tronco natural. Arrancam-se os renovos das extremidades destas árvores anãs a fim de as impedir de crescer, e de obrigá-las a deitarem pequenas ramas laterais.

Para que uma árvore anã adquira um aspecto ancianidade, untam-se com várias camadas sucessivas de melaço; esta substancia atrai as formigas, as quaes atacam a cortiça da árvore e aí lhe formam as gretas.

Lanternas Chinesas

Os chinêses têm pelas suas lanternas verdadeira paixão; fazem-nas de tôdas as formas e feitios e chegam a conseguir uma variedade extraordinária. A propósito de tudo e de nada, na menor festa, enfeitam ruas e edifícios com estas lanternas, feitas com amor, paciência e imaginação. O mais curioso, porém, é que elas são feitas de jornais velhos, idos dos Estados Unidos, às toneladas.

Desenho por acabar

Solução

São os seguintes, os objectos esboçados:

Cavalete. — Corneta. — Trincha. — Jarro. — Cachimbo. — Pincel de barba. — Colarinho. — Maça indiana. — Escôva indiana. — Escôva de dentes. — Capacete. — Cadeado. — Balde. — Poste de sinalagem. — Palacete. — Cálice. — Chávena. — Pião.

Lord Byron e a Grécia

A razão de se encontrar a efígie de Lord Byron em alguns sêlos gregos é ter o grande poeta inglês tomado parte activa na guerra da independência grega, de 1824. Faz a sua pessoa e a sua fortuna à disposição dos insurrectos, vivendo muitos meses na Grécia para estudar a situação política, dando dinheiro às tropas, mandando cortar as fortificações e cuidar dos soldados. Serviu de intermediário entre os diferentes partidos e morreu de doença, aos trinta e seis anos, antes de ter realmente combatido. Trouxeram-lhe o corpo para Inglaterra, mas o seu coração descansa em terra grega, em Missolonghi.

Outro tanto não lhe sucedeu em Portugal, onde deu motivos a ser duramente sovado por um marido ciumento.

Quadrado mágico

(Problema)

					10
				12	
			7		
		28			
	21				
33					

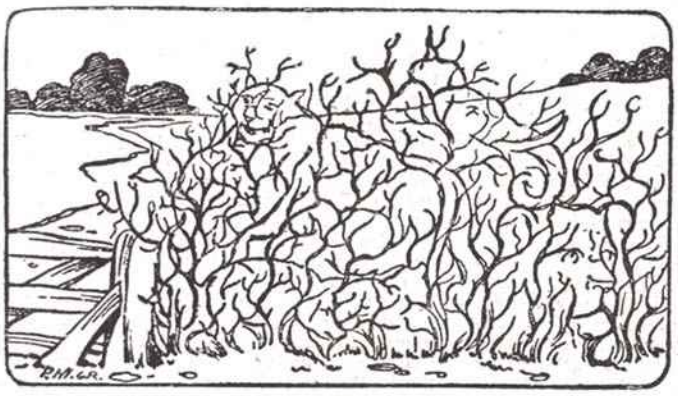
Trata-se de colocar os números que faltam até 36, nas restantes casas vasias dêste quadrado, de forma tal que se obtenha em cada linha, tanto horizontal, como vertical e diagonalmente, o total de 111.

O dia 1 de Março é considerado na Grécia, mesmo que não haja sol, como o primeiro dia da primavera. O efeito é ruidosamente celebrado. Abrem-se as janelas e atira-se para as ruas tudo quanto se pode quebrar, sobretudo louça e panelas. Os habitantes acompanham esta destruïção, de cantigas alusivas, algumas bastante pitorescas.

Na Pérsia, o «schah» despoja-se dos seus atributos reais e, pobremente vestido, assiste a um grande banquete de camponeses, executando atentamente as suas reinvindicações.

Quantos animais?

(Passatempo)



Neste desenho, inextricável matagal de garatujas, foram expressamente disfarçados uns poucos de animais.

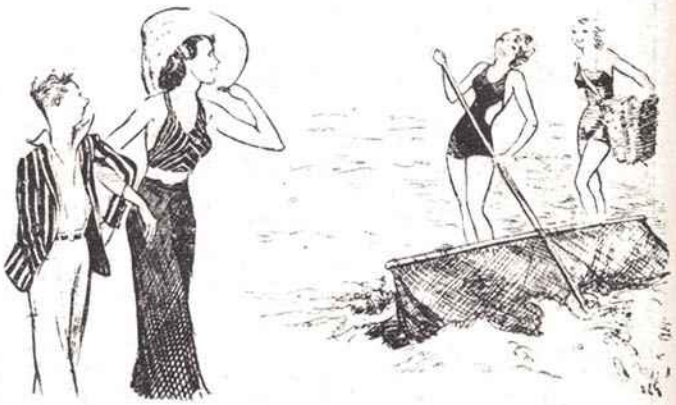
Quem não tiver que fazer, entretenha-se a descobrir quantos serão e quais os seus nomes.

O dentista: — Safa! que esta raiz é difícil de extrair.

O cliente, que é professor de matemática: — Não lhe seria mais fácil indo buscar uma tábua de logaritmos?

O marido: — Este novo sócio que arranjei nunca está satisfeito. Quere tudo quanto vê.

A mulher: — Então, não te esqueças, de que temos três filhas casadoiras, que não podem esperar muito.



— O quê! Então vocês não pescaram nada ainda, nem sequer um lagostozito?
— Não, filha, mas vejo que tiveste mais sorte do que nós!

(Do *Tit-Bits*).

Acaba de aparecer:

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Pulverise **FLIT** *o inimigo implacavel dos insectos*

Os «insecticidas» inferiores não matam as formigas que tanto estragam...

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.ª edição

AVENTURA MARAVILHOSA

de D. Sebastião, Rei de Portugal,

depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE

por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs., com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**

Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

À VENDA

Orações e Conferências

de **CARLOS MALHEIRO DIAS**

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . 8$00

Pelo correio à cobrança . . . . . 9$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12$00 enc. . . 17$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15$00

Pelo correio, à cobrança ..... 16$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do **CONDE DE SABUGOSA**

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . 12$50

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

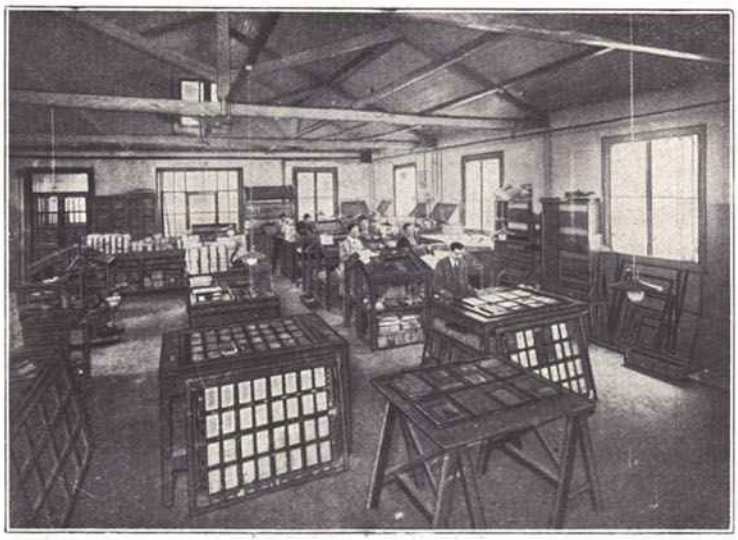
Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

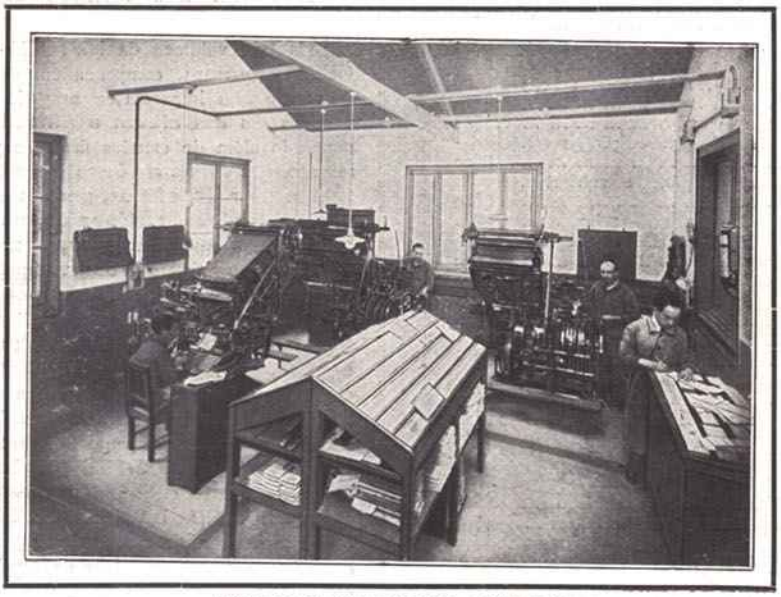
Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

Secção especial de publicações ultra-rápidas



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

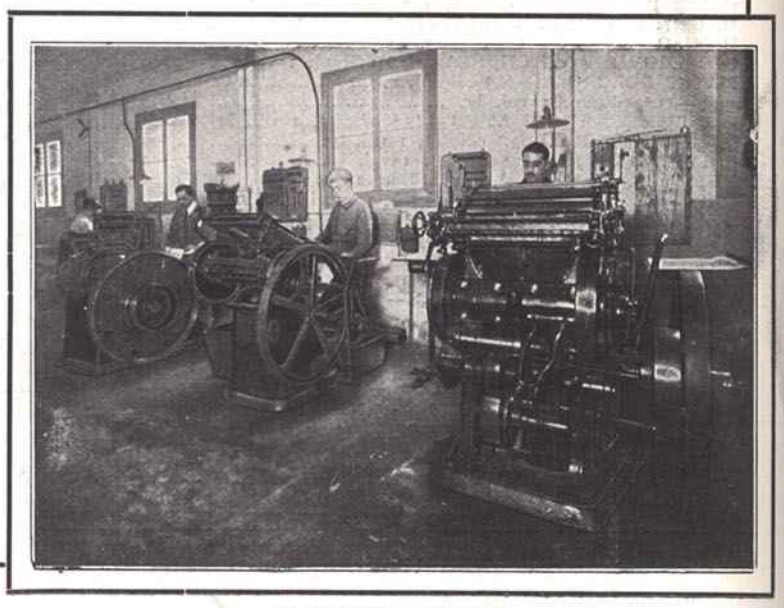
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

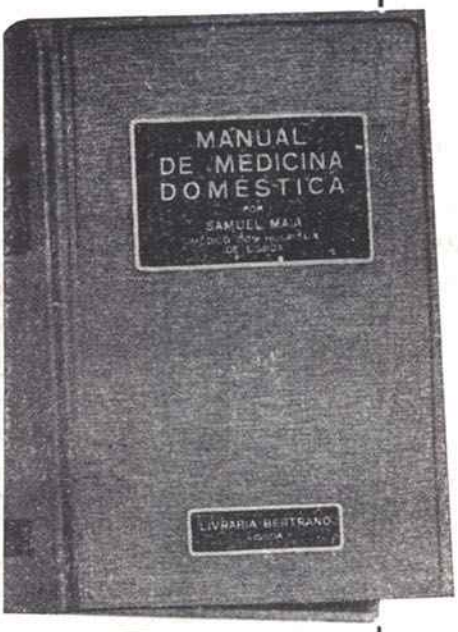
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se achom observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

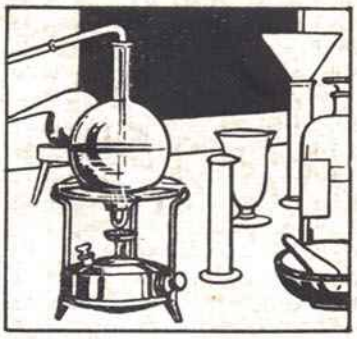
LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

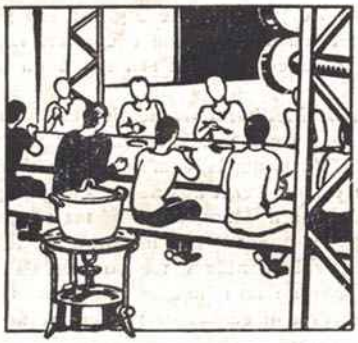
No trabalho...

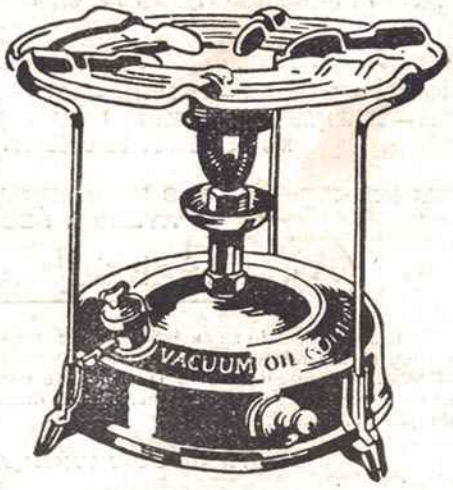
No escritório, na fábrica, no laboratório, na oficina, os Fogareiros Vacuum a gás de petróleo teem sempre larga aplicação.

Em igualdade de preço, constituem o processo mais rápido, mais asseado, para aquecer e cozinhar.

Consomem 1 $^1/_2$ decilitro de petróleo por hora.







FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

1596